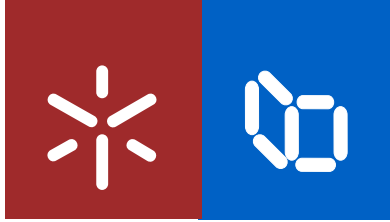


Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Horácio João Fernando Afonso

Regência dos verbos de movimento/ Um estudo comparativo entre o português de Angola e o português europeu



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Horácio João Fernando Afonso

Regência dos verbos de movimento/ Um estudo comparativo entre o português de Angola e o português europeu

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Linguagem

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria do Pilar Barbosa

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me ter dado coragem e força suficiente para suportar todas as vicissitudes durante a formação.

Em seguida, e de modo especial, a minha orientadora, Doutora Maria do Pilar Barbosa, pela paciência que teve comigo e pelas orientações científicas de que jamais me esquecerei.

Agradeço a todo o corpo docente do Curso de Ciências da Linguagem, pela sapiência transmitida.

À Comissão Multisectorial para o Acordo Ortográfico de 1990, da República de Angola, coordenada pela Doutora Paula Henriques, por me ter permitido obter mais conhecimentos científicos.

Ao meu pai, Silva Afonso Culota, pelo exemplo de vida.

À congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, em particular à Irmã Aurélia Dal Mago, minha madrinha, pela orientação espiritual.

Aos meus colegas José Kondja, Luty Costa, Ernesto Fity e Isaura Manuel, pelo companheirismo.

Ao Serafim Muenho por ter permitido o uso das entrevistas que muito contribuíram para o *corpus* desta dissertação.

A todos os que contribuíram para o êxito deste trabalho, os meus agradecimentos. Deus vai retribuir-vos.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Regência dos verbos de movimento/ Um estudo comparativo entre o português de Angola e o português europeu

Resumo

Em português europeu, os verbos de movimento como *ir*, *vir*, *chegar*, regem as preposições direcionais *a* e *para*, e a preposição *em* ocorre com verbos que indicam localização espacial estática (como *estar*, ou *ficar*). Porém, nas variedades africanas do português e no português do Brasil, a preposição *em* é frequentemente usada com verbos de movimento, alternando com *a* e *para*. A presente dissertação foca o português falado em Angola e procura determinar a frequência relativa de uso das diferentes preposições em combinação com verbos de movimento e a sua relação com a idade e o grau de escolaridade do falante.

Efetuíamos a transcrição de 18 entrevistas, com duração entre 40 a 60 minutos, feitas a falantes bilíngues com L1 umbundu e L2 português. Trabalhámos com cinco grupos de informantes: 8 falantes com a 3.^a classe (4 com 8-9 anos e 4 com 40-55 anos); 8 falantes com a 6.^a classe (4 com 11-12 anos e 4 com 40-55 anos), e 2 licenciados (40-55 anos). As variáveis linguísticas estudadas foram os verbos de movimento e a preposição usada. Os resultados revelam a influência da variável idade na realização da preposição. Os falantes de menor idade (8-9 anos e 11-12 anos), independentemente do grau de escolaridade, combinam os verbos de movimento somente com a preposição *em*, sendo a ideia de direção/destino ou direção/origem expressa apenas por esta preposição. Em contraste, os falantes adultos variam de forma alternada entre as preposições *em*, *a* e *para*. Nos adultos, manifesta-se de forma muito clara o efeito da escolaridade. À medida que vai aumentando o nível de escolaridade decresce o uso da preposição *em* (81% nos adultos com a 3.^a classe; 43% nos adultos com a 6.^a classe e 15% na fala dos licenciados). Por outro lado, a preposição *para* ocorre de forma consistente apenas na fala dos licenciados.

Estes dados podem ser explicados pelo efeito do contacto com a língua umbundu (ver Gonçalves 2010 sobre o português de Moçambique). Em umbundu, L1 dos informantes, usa-se um único morfema [*ku*] em combinação com verbos de movimento (seja com um valor pontual ou durativo) e para referenciar o locativo. Uma vez que as crianças têm menos tempo de contacto com o português do que os adultos, é natural que sejam mais permeáveis à influência da L1, o que explica o seu uso exclusivo da preposição *em*, em divergência com os adultos com o mesmo grau de escolaridade.

Palavras-chave: português de Angola, português europeu, verbo de movimento.

Prepositions selected by verbs of motion/ A comparative study between Angolan Portuguese and European Portuguese

Abstract

In European Portuguese, verbs of motion (such as *ir* ‘to go’, *vir* ‘to come’, and *chegar* ‘to arrive’) select the directional prepositions *a* and *para*. The preposition *em* ‘in/at’ occurs with locative state verbs (like *estar* ‘to be’, or *ficar* ‘to stay’). However, in African varieties of Portuguese as well as in Brazilian Portuguese, the preposition *em* is often used with verbs of motion along with *a* ‘to’ and *para* ‘to’. This dissertation focuses on spoken Angolan Portuguese and seeks to determine the relative frequency of use of the different prepositions combined with verbs of motion, in relation with the speakers’ age and education level.

18 interviews, ranging from 40 to 60 minutes in duration, with L1 Umbundu and L2 Portuguese bilingual speakers were transcribed. There were 5 groups of informants: 8 speakers with 3rd grade level education (4 aged 8-9 and 4 aged 40-55), 8 speakers with 6th grade level education (4 aged 11-12 and 4 aged 40-55), and 2 graduates (aged 40-55). Verbs of motion and the preposition used were the linguistic variables studied. Results showed that age has an effect on the choice of preposition. Younger speakers (8-9 and 11-12 year olds), regardless of their level of education, use verbs of motion only with the preposition *em*, and the notion of direction/destination or direction/origin is solely expressed by it. Differently, adult speakers alternate between the prepositions *em*, *a* and *para*. There was a clear effect of education in this age group: the higher the education level, the lower the rate of use of the preposition *em* (81% in adults with the 3rd grade; 43% in adults with the 6th grade and 15% in graduates). In regards to the preposition *para*, it only steadily occurs in the graduates’ speech.

These data can be explained in terms of language contact with Umbundu (see Gonçalves, 2010, on Mozambican Portuguese). In Umbundu, the speakers’ L1, a single morpheme [*ku*] is used both with verbs of motion (whether punctual or durative). The same morphem is used to introduce locatives. Since children have less exposure to Portuguese than adults, the influence of L1 is expectedly more prominent in their speech, which explains their exclusive use of the preposition *em*, in contrast with adults with the same education level.

Keywords: Angolan Portuguese, European Portuguese, verbs of motion.

Índice

Introdução.....	1
I Capítulo- Contexto sociolinguístico de Angola.....	5
1.1.Contexto sociolinguístico de Angola	5
1.2. Línguas bantu e línguas não bantu faladas em Angola	7
1.2.1. Características das línguas bantu e das línguas não bantu	7
1.2.2. Grupos etnolinguísticos de Angola	8
1.3. Contacto do português com as línguas bantu	10
1.4. Situação linguística colonial de Angola	13
II Capítulo- Enquadramento teórico.....	16
2.1. Componentes semânticos dos verbos de movimento segundo Talmy	16
2.1.1. Tipos de línguas	20
2.2. Os verbos de movimento em português	23
2.2.1. Estrutura argumental dos verbos de movimento	26
2.2.2. Regência dos verbos de movimento.....	32
2.3. As preposições.....	33
2.3.1. Valor semântico das preposições <i>a</i> , <i>para</i> e <i>em</i>	38
2.3.2. Preposição <i>a</i>	39
2.3.3. Preposição <i>para</i>	40
2.3.4. Preposição <i>em</i>	40
2. 4. Preposições direcionais e preposições locativas	41
III Capítulo- Metodologia	47
3.1. Procedimento de recolha do <i>corpus</i>	47
3.2. Caracterização dos informantes	47
3.3. Análise dos dados.....	48
IV Capítulo- Resultados	50
4. Resultados	50
4.1. Discussão.....	56
V.Conclusões.....	59
VI. Referencias bibliográficas.....	61
VII. Anexos	63

Índice de tabelas

Tabela 1. Variáveis extralinguísticas e total de informantes.....	44
Tabela 2. Verbos de movimento e respetiva regência expressa pelos informantes.	45
Tabela 3. Número de ocorrências por verbo e sua respetiva percentagem.	46
Tabela 4. Regência dos verbos de movimento por falantes da 3. ^a classe com a idade entre 8 e 9 anos.....	47
Tabela 5. Regência dos verbos de movimento por falantes da 6. ^a classe com a idade entre 11 e 12 anos.....	48
Tabela 6. Regência dos verbos de movimento por falantes da 3. ^a classe com idade entre 40 e 55 anos.....	50
Tabela 7. Regência dos verbos de movimento por falantes da 6. ^a classe com a idade entre os 40 e 55 anos.....	52
Tabela 8. Regência dos verbos de movimento por falantes licenciados com idade entre os 40 e 55 anos.....	54

Índice de gráficos

Gráfico 1. Regência dos verbos de movimento nas construções dos adultos com 3. ^a classe... 50	50
Gráfico 2. Regência dos verbos de movimento nas construções de adultos com 6. ^a classe. ... 53	53
Gráfico 3. Regência dos verbos de movimento nas construções dos licenciados..... 55	55
Gráfico 4. Percentagens de uso das preposições pelos diferentes grupos de informantes. 56	56
Gráfico 5. Percentagens de uso das preposições pelos três grupos de informantes com 40-55 anos..... 57	57

Lista de abreviaturas

CRA- Constituição da República de Angola

CEHUM- Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho

ELNOA- Estatuto das línguas Nacional de Origem Africana

INE- Instituto Nacional de Estatística

L1- Língua primeira

L2- Língua segunda

LN- Línguas Nacionais

PA- português de Angola

PE- português europeu

PB- português do Brasil

PM- português de Moçambique

A

Rita Fernando, minha mãe; a Win de Arlete Domingos
Manuel, minha esposa, ambas de eterna memória;
Aos meus filhos que tanto sofrem pela minha ausência
durante o tempo de formação.

Introdução

O nosso estudo sobre a comparação do português europeu e do português angolano no âmbito da regência dos verbos de movimento sustenta-se em abordagens já feitas sobre o assunto como as de Gonçalves (2010), Mingas (2000, p. 50), Ngunga (2003, p. 28), Costa (2013, p. 24), entre outros, quando refletem sobre os factos socio-históricos que fizeram surgir as variedades africanas do português. Estes autores reafirmam a ideia segundo a qual, tratando-se de variedades não nativas, adquiridas como língua segunda em situações de inexistência da norma europeia, surge um contexto propício ao desencadeamento de um conjunto de efeitos de relevo que se traduzem num processo de variação e mudança.

Os autores Mateus et. alli (1983, p. 24) ao falarem sobre as variedades do português falado em Angola e Moçambique, referem que nestes países, de modo diferente da norma europeia, o português apresenta características próprias que provêm das interferências das línguas nacionais, principalmente das do grupo bantu. Uma das consequências do contacto do português com as línguas bantu é a interferência da gramática destas línguas no português, fazendo com que surjam novas palavras e proporcionando alterações nos diferentes domínios do português europeu (Gonçalves, 2013).

Relativamente aos verbos de movimento, estabelecendo uma pequena comparação, e tendo em conta as preposições regidas por estes verbos, nota-se claramente que, no português de Moçambique e no português de Angola, a preposição *em* é usada com argumentos direcionais que no português europeu se realizam como complementos oblíquos introduzidos por preposições direcionais (*a* ou *para*) (Gonçalves, 2013, p.168).

Exemplos¹:

- a) PM: Chegou cedo na escola (PE: chegou cedo à escola).
- b) PM: O pai volta em casa às sete (PE: o pai volta para casa).
- c) PA: quando você vem, vai na explicação (quando você vem, vai à explicação).
- d) PA: e desde oitenta e cinco nunca mais voltou lá no Huambo? (PE: e desde oitenta e cinco nunca mais voltou lá ao Huambo?)

¹ Os exemplos são de Raposo (2013, p. 169).

Estudos feitos por Gonçalves (2010), Mingas (2000) e outros concluíram que o uso da preposição *em* com os verbos de movimento decorre da transferência da regência das línguas nativas (bantu). Acredita-se que um falante bilingue que tenha a L1 bantu e a L2 português, por influência da gramática que tem da sua L1, acaba transferindo aspetos de uma língua para a outra. Nas línguas bantu faladas em Angola há apenas a forma locativa [**Ku**]² (*em*) que funciona como preposição tanto para verbos que transmitem a ideia de movimento como para verbos que se referem a lugares fixos. Diferentemente, o português europeu apresenta uma regência diferente para os verbos de movimento e os locativos.

Os exemplos que se seguem são em língua umbundu, L1 dos informantes que descreveremos no terceiro capítulo desta pesquisa.

a) – Ulongisi enda ku'njo

U-	longisi	Ø	e- nda	ku	onjo
PN-	TN- professor	IPS	PV -RV- ir	LOC	casa

‘O professor vai para casa.’

b) - Ulongisi okasi ku'nzo.

U-	longisi	Ø	o- kasi	ku	onjo
PN-	TN- professor	IPS	PV- RV- estar	LOC	casa

‘O professor está em casa.’

Legenda: **PN**=Prefixo nominal; **TN**=Tema nominal; **PV**= Prefixo verbal; **RV**= Radical verbal, **IPS**= Índice Pronominal do sujeito.

Percebe-se que, no exemplo da alínea (a), o verbo *ir* rege no português europeu a preposição *para*, que na língua umbundu traduz *ku*; no exemplo da alínea (b) o verbo *estar* rege no português europeu a preposição locativa *em*, sendo traduzido de igual modo na língua umbundu por *ku*. Deste modo, o falante bilingue, ao expressar-se em português, tende a usar a mesma preposição tanto com os verbos de movimento como com os verbos locativos.

Neste sentido, procuramos fazer uma abordagem das diferenças entre o português de Angola e o português europeu em relação à regência dos verbos de movimento, com o objetivo de

² Veja-se, a propósito, Mingas (2000, p. 75).

perceber a razão de ser das diferenças e contribuir para a fixação da norma padrão do português angolano.

Metodologia de trabalho

A fim de pesquisarmos sobre a regência dos verbos de movimento no português falado em Angola, usámos o programa “Exmaralda” para transcrever parte de um *corpus* de fala organizado no âmbito do projeto de doutoramento de Serafim Muenho, afeto ao CEHUM com o título: *Estudo contrastivo de aspetos morfossintáticos do português e umbundu*. As referidas entrevistas têm entre 40 a 60 minutos de duração e foram feitas a falantes bilingues que têm L1 umbundu e L2 português. O *corpus* é constituído por trinta (30) entrevistas, das quais escolhemos dezoito (18). Tivemos em conta as variáveis:

Variáveis linguísticas: os verbos de movimento e a preposição usada;

Variáveis extralinguísticas: género, idade e nível de escolaridade.

Trabalhou-se com quatro (4) grupos de quatro (4) informantes cada. Quanto à variável género, tivemos nove (9) informantes masculinos e nove (9) femininos. Relativamente à variável idade, tivemos informantes da faixa 1 (8-9 anos); informantes da faixa 2 (11-12 anos) e informantes da faixa 3 (40-55 anos; nesta faixa etária, tivemos quatro (4) com a 3.^a classe, quatro (4) com a 6.^a classe e dois licenciados). No que se refere à variável escolaridade, tivemos 8 informantes de Grau A (3.^a classe, dentre eles quatro crianças e quatro adultos); 8 informantes de Grau B (6.^a classe, dentre eles quatro crianças e quatro adultos) e 2 informantes de Grau C (Licenciados). O desequilíbrio do número de informantes de grau C em relação aos outros grupos deve-se ao facto de até ao momento do término da nossa pesquisa, não se ter entrevistado mais falantes que preencham o requisito necessário para o grau C (licenciado).

Estrutura do trabalho

O presente trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos.

Iniciamos com uma introdução, ponto que faz uma breve apresentação do trabalho, a fundamentação teórica ligada ao tema e a metodologia utilizada.

No primeiro capítulo, fizemos uma caracterização geral do contexto sociolinguístico de Angola, descrevendo os diferentes grupos etnolinguísticos, as características das diferentes línguas faladas no território angolano e as consequências do contacto entre línguas.

No segundo capítulo, procedemos a uma caracterização geral da regência dos verbos de movimento nas diferentes variedades do português, tendo em conta um vasto quadro teórico, com o objetivo de compreender o comportamento destes verbos.

O terceiro capítulo é o da metodologia. Nele apresentamos o procedimento de recolha e tratamento do *corpus*, a caracterização dos informantes, assim como a análise de dados.

No quarto capítulo, debruçamo-nos sobre os resultados e apresentamos, em seguida, as diferenças notáveis entre o português de Angola e o português europeu no âmbito da regência dos verbos de movimento.

Finalmente, na conclusão, apresentamos as considerações decorrentes de tudo o que foi abordado no corpo do trabalho tendo confirmado as hipóteses levantadas no pré projeto deste estudo e procuramos deixar algumas recomendações relativas a implementação da norma padrão do português de Angola.

I Capítulo- Contexto sociolinguístico de Angola

1.1. Contexto sociolinguístico de Angola

Angola é um país africano situado na África Austral. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE 2014), o país tem uma superfície terrestre de 1. 246.700 km² e uma costa Atlântica de 1.650 quilómetros entre a foz do rio Zaire, ao Norte, e a foz do rio Cunene, ao sul. Segundo a mesma fonte (INE 2014), calcula-se que a população angolana corresponde a um total de 28 milhões de habitantes³, distribuídos pelas 18 províncias administrativas do país. Relativamente às suas fronteiras, o país está limitado pela República da Zâmbia a este e a Sudeste; pela República da Namíbia a sul; pelo Oceano Atlântico a oeste; pela República do Congo a noroeste, e pela República Democrática do Congo a norte e a leste. No que concerne à divisão administrativa, o país tem dezoito províncias⁴, nomeadamente: Luanda (capital), Cabinda, Zaire, Uíge, Bengo, Malange, Lunda Norte, Lunda Sul, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Mochico, Bié, Benguela, Huambo, Huíla, Cunene, Kwando Kubango e Namibe.

Quanto à sua composição etnolinguística e cultural, tal como afirmam Mudiambo (2013), Mingas (2000), Miguel (2014) e Costa (2013) Angola é um país plurilingue cuja população integra, na sua maioria, os seguintes grupos: Bacongo, Kimbundu, Ovimbundo, Lunda-Cokwe, Nanguela, Nhaneca-Humbe, Helelo e Ambo. Todos estes grupos étnico-linguísticos são de origem Bantu.

Apesar de os diferentes grupos étnico-linguísticos possuírem uma língua que faz parte das línguas nativas de origem bantu, caracterizadas por um conjunto de valores culturais que descrevem os usos e costumes dos diferentes grupos étnicos de Angola, tem-se o português como a única língua oficial no território nacional. Reconhecendo o facto de o país ser plurilingue (com várias línguas nativas de origem bantu e as suas variantes) Costa (2013) entende que para se poder manter a comunicação entre os diferentes grupos era necessário adotar-se uma língua que proporcionasse a interação e a unidade nacional em termos linguísticos. A língua portuguesa não foi só adotada como língua oficial no tempo colonial. Imediatamente a seguir à independência de Angola (1975), já num regime político novo, a língua portuguesa continuou a ser a língua oficial, língua de Estado e de ensino, a única língua

³ Estes dados resultam do Censo Populacional realizado em 2014. Cf. Instituto Nacional de Estatística (2016)

⁴ Confirmar no mapa de Angola que se encontra em anexo.

de comunicação entre todos os angolanos, isto porque cada grupo etnolinguístico possui a sua L1 (bantu).

A Constituição da República de Angola, no seu Artigo 19º, nos números 1 e 2 refere que o Estado angolano optou pela conservação da língua portuguesa, mas mantém os fundamentos da cultura e da revitalização das línguas angolanas de origem bantu:

"1. A língua oficial da República de Angola é o português; 2. O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional."

Neste sentido, Mudiambo (2013) afirma que a língua portuguesa é uma língua privilegiada pelo facto de ser uma língua de cultura e de civilização em virtude da categoria e funções concretas que o poder político lhe confere ao ser a única língua usada na administração e em todos os sectores sociais. Reis (2006, p. 83) afirma de igual modo que o português é a língua oficial em Angola por mérito próprio e com funções bem definidas, apresentando diferenças em relação às línguas nacionais pela origem e pelo facto de estas identificarem linguística, sociológica e historicamente os povos. Para este autor, apesar de o português cobrir todo o território nacional, continua sendo a língua menos falada no contexto de cada grupo étnico. Concordando com as razões que estiveram na base da adoção da língua portuguesa como língua oficial, Miguel (2014, p. 17) afirma que tais razões tiveram muito a ver com a realidade linguística da época e mesmo com a atual, marcada por uma multiplicidade de línguas nativas (bantu). Este facto justificou a adoção de uma língua que fosse comum e de maior expansão a nível do território nacional.

Pelas razões acima descritas, podemos concluir que a atribuição do estatuto de língua oficial à língua portuguesa, em detrimento das outras faladas em Angola, exerce um papel plurifuncional de uso nos domínios da vida sociopolítico, económico e cultural. Logo, o referido estatuto não se situa somente no âmbito linguístico, mas com maior relevância ainda no âmbito político.

1.2. Línguas bantu e línguas não bantu faladas em Angola

Vários estudos foram realizados para se proceder à classificação das línguas faladas no território angolano. Os estudos feitos por Mingas (2000), Fernando et. alli (2002), Costa (2013) confirmam que em Angola existem línguas pertencentes à família linguística bantu e línguas não bantu. Quanto às línguas bantu, o estudo de Fernando et. alli (2002) identificou as seguintes: kimbundu, kikongo, oshihelelo, olunyaneka, ova kwanyama,

oshindonga, umbundo, cokwe e ngangela. Cada uma destas línguas constitui um grupo linguístico com as suas respetivas variantes. As línguas não bantu que existem em Angola são: a khoisan, vatwa e a língua portuguesa. A língua khoisan tem as seguintes variantes: a kung-ekoka, a xóxõ, a dos hotentotes (khai) e a dos bosquimanes.

É pertinente nesta secção fazer-se uma pequena abordagem sobre a origem do termo *bantu*. Relativamente a isso, um estudo feito por Guthrie (1967-1971) e citado por Ngunga (2004, p. 24) afirma que foi Meinhof (1895) quem sugeriu pela primeira vez a aplicação de um método de estudo às línguas africanas. Porém, as opiniões dos diferentes autores confirmam que foi Bleek (1851) quem, depois de ter denominado como *pronominal prefix languages* (línguas de prefixo pronominal) as línguas da África subsariana e de ter notado a existência de um sistema comum de concordância por meio de prefixos, utilizou pela primeira vez o termo *bantu* para fazer referência às línguas ora estudadas. Sendo assim, Guthrie (1967) sublinha que a linguística deve a Bleek a existência do termo *bantu*, formado por *ba* (prefixo nominal) e *nto*, significa "pessoas".

1.2.1. Características das línguas bantu e das línguas não bantu

Dentre as características das línguas bantu, de acordo com os estudos feitos por Ngunga (2004), Costa (2013) e Fernando et. alli (2012) as mais relevantes são as seguintes:

- A presença de prefixos nos nomes que marcam a oposição entre singular e plural;
- O sistema vocálico é simétrico, quer dizer que comporta uma vogal central e um número idêntico de vogais anteriores e de vogais posteriores;
- Algumas consoantes orais não aparecem de forma isolada por serem sempre pré-nasalizadas, ou seja, precedidas de consoantes nasais;
- A inexistência de artigos ou determinantes;
- A presença do tom. Este aspeto não é somente notável nas línguas bantu, a sua presença é constatada também nas línguas do extremo oriente (chinês, japonês, vietnamita), nalgumas línguas europeias, como o servo-croata e nas línguas da África Subsariana. Não se deve confundir o tom com o acento gráfico que nas sílabas, serve para marcar a altura.

Quanto as características das línguas não bantu, tal como afirmámos acima, as línguas não bantu faladas em Angola são a khoisan, a vatwa e a língua portuguesa.

Segundo Chicuna (2014, p. 26) a língua khoisan apresenta algumas variedades (a kung-ekoka, a xóxõ, a dos hotentotes (khai) e a dos bosquimanes. Neste espaço faremos

apenas uma breve descrição das características mais relevantes das línguas khoisan, deixando a análise das outras línguas para outros estudos.

A característica mais relevante das línguas khoisan é o emprego de *cliques*. Barroso (1999, p. 54) refere que a produção destes sons (cliques) ocorre de forma inversa em relação ao modo como se produzem os sons da língua portuguesa. Segundo o mesmo autor, os sons do português são produzidos com fluxo de ar pulmonar expirado ou egressivo, ao passo que os cliques são produzidos com fluxo de ar inspirado ou ingressivo mediante duas oclusões na cavidade bucal (uma na parte anterior e outra, na posterior) e o recuo do dorso da língua na região velar provocando a sua rarefação. Tendo em conta a zona de articulação, Barroso (1999, p. 54) afirma que os cliques podem ser: clique bilabial, clique dental, clique alveolar, clique palato-alveolar e clique labiodental.

Fernando et. alli (2002) afirma que o termo *khoisan* foi proposto por J. Shapera, e é resultante da combinação das palavras *khoi-khoi* que significam "acumular, colher frutos, arrancar raízes da terra, capturar pequenos animais".

1.2.2. Grupos etnolinguísticos de Angola

A sociedade angolana é formada por diferentes grupos étnicos e cada grupo fala uma determinada língua bantu que o identifica. Estudos feitos por Costa (2013, p. 17), Fernando et. alli (2002, p. 41), confirmam que a maioria da população angolana está constituída em nove (9) grandes grupos⁵ etnolinguísticos, distribuídos nas diferentes regiões de Angola da seguinte forma:

- Grupo etnolinguístico *Tucokwe* tem como língua o **cokwe**, situa-se a norte, este e leste de Angola, nas províncias das Lunda Norte e sul, Moxico e com um prolongamento profundo para a província do Kwando Kubango. O cokwe é considerado como uma língua transnacional pelo facto da sua área de difusão estender-se para além das fronteiras Nacionais. É falada na República Democrática do Congo e na República da Zâmbia;

- Grupo etnolinguístico *Ambundu* tem como língua o **kimbundu**, falada nas províncias do Bengo, Kwanza Norte, Norte da província do Kwanza Sul, Luanda e Malanje;

- Grupo etnolinguístico *Bakongo* tem como língua o **kikongo**, falada nas províncias de Cabinda, Uíge, Zaire, parte da província do Bengo. É também falada na República Democrática do Congo, no Sul da República do Congo Brazzaville e na República do Gabão;

⁵ Cf. Mapa etnolinguístico de Angola que se encontra em anexo.

- Grupo etnolinguístico *Vangangela* tem como língua o **ngagela**, falada nas províncias do Kwando Kubango, Sudoeste do Moxico, Bié e parte leste da província da Huíla. É de igual modo falada na República da Zâmbia, e é considerada uma língua transnacional;

- Grupo etnolinguístico *Ovanyaneka-Nkhumbi* tem como língua o **olunyaneka**, falada nas províncias da Huíla, Cunene, Benguela e Namibe;

- Grupo etnolinguístico *Ovahелеlo* tem como língua o **oshihelelo**, falada no sudoeste de Angola, mais precisamente na província do Namibe;

- Grupo etnolinguístico *Ova kwanyama* tem como língua o **oshikwanyama**, falada na província do Cunene e também no norte da Namíbia;

- Grupo etnolinguístico *Ovandonga* tem como língua o **oshindonga**, falada no sudeste da província do Kwando Kubango e na República da Namíbia;

- Grupo etnolinguístico *Ovimbundu* tem como língua o **umbundu**, falada nas províncias do Bié, Huambo, Benguela, Namibe, no noroeste da província do Kwando Kubango e parte da província da Huila.

Numa perspetiva de definição do povo bantu e da sua língua, Chicuna (2014, p.27) definiu o povo bantu como o conjunto de populações da África subequatorial que falam línguas da mesma família, embora pertencendo a tipos étnicos muito diversos, designando o ser humano por *muntu*, no singular, e *bantu*, no plural. O autor afirma ainda que dos *bantu* não fazem parte os bochimanes e os hotentotes que também são povos da África subequatorial. Contribuindo para a pesquisa sobre a localização do povo bantu, Zau (2012, p. 55) refere que a designação bantu é atribuída à maioria da população fixada ao sul do Equador e usada em relação a todos os povos cujas línguas utilizam a raiz *Ntu* para designar homem e cujo plural é a palavra *bantu*. O autor afirma que Angola tem um povo com uma diversidade cultural e étnica rica, de origem bantu, não bantu e europeia.

Melo (2018) afirma que não obstante os bons índices de vitalidade das línguas bantu, das nove declaradas como mais faladas em Angola pelo INE (2016), apenas cinco surgem classificadas em Lewis, Simons e Fenning (2015) como línguas de comunicação alargada, dispõem de um sistema de escrita ratificado e cumprem um importante papel como línguas veiculares no contacto com membros de outros grupos, que as falam como L2.

Referindo-se à importância das línguas bantu faladas em Angola, Fernando et. alli (2002, p. 18) afirma que se nota claramente a preocupação do Ministério da Educação em inseri-las no processo de ensino e aprendizagem sem abdicar do português, língua oficial e de unidade nacional neste país. Isto porque a língua permite a inter-relação entre diferentes comunidades humanas; ela serve de instrumento de comunicação e de reflexão da realidade

sociocultural e histórica. Por esta razão, todos os grupos etnolinguísticos são livres de usar o património cultural e linguístico.

1.3. Contacto do português com as línguas bantu

O contacto entre línguas ocorre sempre numa situação em que uma sociedade ou um indivíduo utiliza, consoante as circunstâncias, dois ou mais registos linguísticos. Na ocorrência de bilinguismo⁶, existe sempre uma língua que é a materna do indivíduo e uma outra que se impõe e cujo conhecimento é obrigatório.

Segundo Faria (2003, p. 35) o contacto entre línguas é um dos fatores que contribui para favorecer a variação linguística. Quando a mesma for progressiva e sistematicamente incorporada nos usos dos falantes, ocorrem mudanças nos parâmetros das línguas em contacto. Reis (2006, p. 44) entende o contacto de línguas como um processo de interação entre duas ou mais línguas, do qual resultam influências na estrutura e no vocabulário das línguas em contacto. Segundo este autor, as condições sociais do contacto partem da necessidade de comunicação entre representantes de diferentes grupos etnolinguísticos. Esses grupos encontram-se em intensos contactos económicos, políticos, culturais, entre outros. Assim, os contactos linguísticos ocorrem graças à comunicação permanente entre portadores de línguas diferentes.

Celso Cunha & Lindley Cintra (1984, p. 23) afirmam que o contacto entre um ou mais idiomas pode conduzir ao aparecimento de novas línguas, de formação rápida, dando como exemplo o surgimento dos Crioulos.

Segundo Faria (2003, p. 36) a mudança que decorre de situação de contacto é diferente da mudança que qualquer língua regista, ao longo da sua história, a nível dos respetivos subsistemas. A mudança resultante do contacto é realizada pelos falantes que, em contacto com outras línguas, tendem a aproximar-se progressivamente destas, sendo sujeitos a interferências diversas, com especial expressão no léxico, mas com eventual extensão a estruturas dessas línguas. Por sua vez, algumas das estruturas das línguas maternas dos falantes poderão, numa fase não estabilizada do conhecimento das outras línguas, criar interferência, quer a nível do léxico quer de estruturas específicas dos subsistemas linguísticos

⁶ Flores (2010) refere que o conceito de bilinguismo mudou com o andar do tempo, antes definia-se bilinguismo como o domínio perfeito (de forma proficiente) de duas línguas. Atualmente, o conceito de bilinguismo passou a designar falantes que tenham adquirido competências linguísticas de diversas formas em diferentes idades e contextos com um certo nível de proficiência.

que se encontram em contacto. Reis (2006, p. 47) explica os diferentes contextos em que se alteram as línguas em contacto da seguinte forma:

"Para entender como e em que direção se alteram as línguas em contacto, é preciso analisar este processo em três contextos distintos: **1. no plano sociolinguístico**, em que intervém a sociologia - como interação de comunidades diversificadas do ponto de vista linguístico, ou seja, como uma situação linguística concreta, que pode ser analisada partindo de tais variáveis como: grau de diversidade linguística, estatuto jurídico das línguas, potencialidade demográfica das línguas, etc.; **2. no plano psicolinguístico** - como bilinguismo individual de determinada camada de falantes. É precisamente partindo do uso individual que, uma vez generalizado, um uso linguístico transforma-se num facto de uma língua dada, tornando-se deste modo, elemento de pleno direito dentro desse sistema linguístico; **3. no plano meramente linguístico** - como mistura, como compenetração de dois sistemas linguísticos independentes".

Percebe-se, então, que o contacto entre línguas ocorre na interação dos membros que partilham o mesmo espaço social, tendo em conta o estatuto que uma língua goza em detrimento das outras, a frequência de uso e número de falantes. Por exemplo, do contacto do português europeu com as línguas nativas de Angola (*bantu*), resultou uma variedade do português diferente da de Portugal que só se fala em Angola.

Segundo Costa (2013, p. 24) o contacto da língua portuguesa com as línguas bantu em Angola, continuará a ocorrer e a originar várias interferências apesar da proibição, feita na época colonial, da utilização de qualquer outra língua que não fosse aquela. Factos históricos provam que apesar da existência das línguas bantu, desde o período da colonização, o português foi sempre a língua de ensino. Mesmo depois da independência, em 1975, o governo optou pela sua permanência não só como veículo de ensino e de comunicação entre os nativos de etnias diferentes e as comunidades estrangeiras, mas também como língua oficial. E, em relação a isso, Perpétua Gonçalves (1996) referindo-se a alguns países africanos, afirma o seguinte:

"Após a independência alcançada em todos estes países no mesmo ano de 1975, o português, língua do colonizador é escolhido como língua oficial pelos novos governos que assumiram o poder. Entre as razões que motivaram estas escolhas, destaca-se o papel de "língua de unidade nacional ", [...] além de funcionar como de comunicação internacional ..."

Costa (2013, p. 25) refere ainda que, apesar do multilinguismo existente em Angola ser resultante do contacto entre a língua portuguesa e as línguas bantu faladas neste país, depois de vários séculos de convivência linguística, entre o português e as línguas africanas, hoje, o português em Angola transformou-se numa língua nova, com sotaque próprio, diferente do de Portugal. Fruto deste contacto com as línguas bantu muitas vezes transportam-se as estruturas de uma língua bantu para a estrutura do português falado em Angola. Para Miguel (2014, p. 14) a política colonial portuguesa pautou-se pela tentativa de integrar os angolanos na cultura europeia. Para este efeito, o recurso a um dos principais e mais poderosos meios de aculturação - a língua - era inevitável. Desta forma, estabeleceu-se uma acérrima oposição entre a língua portuguesa e as línguas locais africanas que, na aceção colonial, devido à sua multiplicidade, constituíam um sério obstáculo à unidade, enquanto o português era a língua da cultura e da tecnologia. Sobre as reações às diversas legislações que vedavam o ensino em línguas africanas, Miguel (2014, p. 14) menciona que os pais se esforçavam para que os filhos adquirissem a cultura e a língua do colonizador, pois só assim lhes seria permitida a ascensão na escala social.

Na sequência desta ideia em relação ao nível de escolaridade dos angolanos e a frequência de uso da língua portuguesa na altura da independência de Angola, Miguel (2014, p. 16) afirma o seguinte:

"Na altura da independência, 85% dos angolanos eram analfabetos), e não falavam português, já que esta língua era adquirida, fundamentalmente, por mediação escolar. Este é o quadro linguístico que Angola possuía no momento da sua Independência, em 1975: as línguas africanas em Angola, apesar da sua resistência à glotofagia do colonizador, estavam reduzidas, quase exclusivamente, ao uso oral. Por outro lado, não obstante a longa permanência junto do colonizador, muitos angolanos não aprenderam o português, mas um falar intermedio que permitia apenas uma comunicação superficial. Foi, sobretudo nos centros urbanos, que a LP se enraizou. A adoção da LP para este papel não significava o menosprezo das línguas locais, pelo contrário, o seu valor como veículo da cultura, foi reconhecido".

Como se sabe, a aprendizagem de uma língua depende da prática diária de comunicação nessa língua, porém, é na escola que se aprende o uso correto de uma determinada língua. Desta feita, tendo em conta os diferentes constrangimentos que existiam naquela época não se poderia esperar que a língua portuguesa fosse falada de forma correta e fluente por todos os membros da comunidade. Mas, e apesar de pouco falada, ela teve um valor relevante no seio da comunidade. Neste sentido, segundo Miguel (2014, p. 27) o facto

de muita população rural afluir às grandes cidades faz com que um número cada vez maior de angolanos, que antes só falava a sua língua bantu, se veja na obrigação de aprender o português, pois o domínio desta língua passou a ser condição para o desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional e no exercício da cidadania.

Na visão de Reis (2006, p. 45) os resultados do contacto entre as línguas manifestam-se em graus diferentes nos diversos subsistemas da língua em função da compenetração dos elementos na estrutura geral ou global. Segundo ele, duas ou mais línguas estão em contacto se forem alternadamente utilizadas pela mesma pessoa. Os indivíduos que utilizam estas línguas são o ponto do contacto. Os desvios à norma de cada uma das línguas que se produzem no discurso são o resultado da sua familiaridade com mais do que uma língua. Este autor apresenta duas formas de bilinguismo: o bilinguismo autónomo ou combinado (acontece quando o indivíduo constrói o seu discurso em cada uma das línguas usando apenas os meios linguísticos da língua correspondente, sem interferência da outra língua) e o bilinguismo combinado (ao discursar na segunda língua, o falante socorre-se dos meios linguísticos da primeira língua, havendo interferência).

1.4. Situação linguística colonial de Angola

Um dos pressupostos da colonização de Angola estava focado na substituição dos elementos culturais dos autóctones pelos elementos culturais estrangeiros.

Relativamente à língua, que é um dos elementos fundamentais da cultura de um povo, Mingas (2000, p. 50) destaca que a decisão de substituição das línguas nativas (bantu) pela língua portuguesa estava ligada ao facto de a língua portuguesa ser considerada como língua de prestígio na colónia (língua de ensino, a única utilizada pelos média), ao passo que as línguas nativas (bantu) eram apenas tidas como dialetos. Associado a isso, está também ideia da organização social na época colonial. Mingas (2000, p. 44) afirma o seguinte:

"A sociedade colonial estava dividida em dois grupos principais, a saber: os portugueses e os angolanos. Estes grupos eram por sua vez subdivididos. No que respeita aos portugueses, eles estavam divididos em duas categorias: colonialistas ou agentes da metrópole colonizadora e colonos ou instrumentos da colonização. Quanto aos angolanos, estavam divididos em "Assimilados" e "Indígenas", e a cidade esteve dividida em três zonas habitacionais que tinham a costa como centro. Ao longo da costa ou centro, habitavam os colonialistas;

na segunda zona ou a zona dos bairros arenosos, concentravam-se os colonos e uma parte dos “Assimilados” e nos arredores (musseques), a esmagadora maioria dos “Assimilados” e “Indígenas”.”

Na época colonial, para que se pudesse fazer parte da classe dos Assimilados, uma das condições era necessariamente falar a língua portuguesa. Percebe-se, então, que a divisão da sociedade em grupos foi um facto que contribuiu para a discriminação das línguas nativas (bantu) faladas em Angola. Zau (2012, p. 23) refere que, para que um determinado angolano fosse tido como “Assimilado”, o indivíduo tinha de ter 18 anos de idade; demonstrar que sabia ler, escrever e falar português com alguma fluência; ser trabalhador assalariado, comer, vestir e ter a mesma religião que os portugueses; manter um padrão de vida e de costumes semelhante ao estilo de vida ligado à cultura europeia.

No que diz respeito às línguas nativas (bantu), Mingas (2000, p. 49) salienta que no período colonial a única língua que os angolanos deveriam e poderiam aprender e dominar, ao nível das escolas estatais, era o português. Eles não podiam aceder a um posto administrativo ou de responsabilidade sem serem “Assimilados”. Além disso, uma grande maioria dos nativos viviam nas zonas rurais onde a língua veicular era bantu. Aliás, os portugueses que viviam nas zonas periféricas das cidades (comerciantes na sua quase totalidade), depois de algum tempo tornavam-se bilingues (usando o português e uma língua bantu). Mas era a língua portuguesa que tinha mais protagonismo em termos de interação comunicativa. (Mingas (2000, p. 32)

A partir de diferentes pontos de vista, Fernando et. alli (2002) conclui que a política colonial portuguesa consistia em eliminar as línguas nativas (bantu), por considerar que estas constituíam uma ameaça para o sistema colonial. Segundo o mesmo autor, sem colonizar as línguas, a subordinação não ficaria efetiva e um sector da sociedade escaparia ao controlo do colonizador. Para tal, os portugueses utilizaram como critério de comunicação, para imposição da língua portuguesa, o monolinguismo. Além disso, contribuíram para o uso e desenvolvimento da língua portuguesa no território angolano os fatores de ordem sociocultural e económica. (Idem, 2002, p. 103)

Costa (2006, p. 44) afirma que o choque entre a cultura angolana e a cultura portuguesa deu-se numa relação de verticalidade que pressupunha a discriminação e subalternização dos valores culturais do homem africano exercida para quebrar a resistência cultural. De igual modo, Melo (2018, p. 86) refere que, durante o período colonial, as línguas angolanas de origem africana foram ativamente combatidas enquanto línguas de comunicação

quotidiana da população e pejorativamente designadas *dialetos* pela Administração colonial portuguesa.

No entanto, após a Independência as línguas nativas (bantu) de Angola passaram a designar-se línguas nacionais (LN) e são reconhecidas na constituição da República como património cultural cuja proteção, valorização, dignificação e desenvolvimento “como língua de identidade nacional e de comunicação” constituem tarefas fundamentais do Estado (artigo 21º). Elas foram também objeto de várias iniciativas legislativas com vista ao seu estudo e promoção, mas só em 2011 foi aprovado na generalidade o Estatuto das Línguas Nacionais de Origem Africana (ELNOA), diploma que “estabelece os princípios orientadores para a valorização, fomento, defesa e ensino das LN e das suas variantes locais, a serem observadas pelo Estado Angolano, em todo o território nacional”, (Ministério da Cultura, 2011, p. 9)

Portanto, apesar das situações negativas causadas pela colonização, podemos concluir que a língua portuguesa desde a época colonial foi tida como elemento de unidade nacional, num país caracterizado pelo multilinguismo (com diferentes línguas de origem bantu e não só). Ela tornou-se numa componente fundamental de unificação da pluralidade étnica e cultural que caracteriza o país. Este fator unificador advém de uma estratégia política que teve como objetivo central a garantia da unidade nacional. A língua portuguesa é uma das heranças valiosas que o povo português deixou ao povo angolano e aos demais países africanos que a têm como língua oficial.

II Capítulo- Enquadramento teórico

2.1. Componentes semânticos dos verbos de movimento segundo Talmy

A nossa abordagem aos verbos de movimento tem como base a investigação feita por Filho (2013), Souto (2014) e Júnior (2015). Estes autores citam o estudo de Talmy⁷ (2000b), que caracteriza os verbos de movimento associando-os a cinco componentes ou primitivos semânticos: um **objeto** ou figura que se move, um **fundo**, uma **trajetória**, e ainda, o **modo** e a **causa**. No exemplo abaixo, extraído de Júnior (2015, p.33) é possível entender como estes elementos são representados numa frase.

Exemplo:

João subiu o morro caminhando.

Neste exemplo percebe-se que *João* representa a **figura** que se move, *morro* representa o **fundo** pelo qual *João* se move e *caminhando* representa o **modo** como *João* realizou o movimento.

Tendo como objeto de estudo a raiz verbal, Talmy procura entender quais elementos semânticos, como MOVIMENTO, TRAJETO, FIGURA, FUNDO, MODO ou CAUSA, são lexicalizados nas raízes verbais e por quais elementos de superfície (gramaticais), por exemplo, verbos, adposições, orações subordinadas ou satélites, esses elementos semânticos são expressos. Além disso, observa o seu comportamento em línguas diferentes, com o objetivo de descobrir se elas possuem um padrão tipológico ou se podem ser aplicadas a todas as línguas (Filho, 2013, p. 13)

Filho (2013, p. 39) refere que os componentes semânticos que são expressos pelo Evento de Movimento (EM) são: MOVIMENTO (Motion), TRAJETO (Path), OBJETO (Figure) e FUNDO (Ground), e os coeventos MODO (Manner) e CAUSA (Cause). Assim, segundo este autor, para Talmy, o MOVIMENTO (Motion) pode ser entendido tanto no sentido básico da palavra, que consiste na deslocação ou transferência de uma entidade ou objeto de um ponto para outro, quanto como na aceção de movimento que não pressupõe uma deslocação como tal, mas que pode ser entendido metaforicamente. Veja-se os exemplos a seguir:

⁷ Professor de Linguística e Filosofia da Universidade Estadual de Nova Iorque em Buffalo, precursor nos estudos sobre Linguística Cognitiva entre Semântica e estruturas linguísticas formais e as conexões entre tipologia e semântica universal, especialista em lídiche e idiomas nativos americanos.

Exemplos⁸:

a) Passaram pelo fantasma de uma bruxa alta que deslizava na direção oposta, mas não viram mais ninguém.

b) Havia uma única varinha sobre uma almofada púrpura desbotada, na vitrine empoeirada.

Como se pode perceber no exemplo em (a), o verbo *deslizar* apresenta uma situação em que um objeto muda a sua localização. Na perspectiva de Talmy, a situação descrita em (a) exemplifica bem o MOVIMENTO no seu sentido básico, ao passo que a situação descrita no exemplo (b) faz-nos perceber que a FIGURA (varinha) permanece estática num determinado ponto de referência.

Os elementos semânticos que constituem o EM (MOVIMENTO, FIGURA, TRAJETO, FUNDO e MODO/CAUSA), na abordagem de Talmy, são entendidos do seguinte modo: o MOVIMENTO está relacionado com o facto de um objeto mudar a sua localização; a FIGURA representa o objeto em movimento; o FUNDO representa o ponto de referência para a FIGURA que se desloca ou ocupa um determinado espaço; o TRAJETO representa o caminho a percorrer pela FIGURA; o MODO e CAUSA são eventos que se relacionam com o MOVIMENTO, caracterizando o MODO ou a CAUSA do movimento da FIGURA (Filho 2013, p. 39)

No que concerne aos componentes TRAJETO, Talmy (2000b, p. 53) afirma que existem três subcomponentes principais nas línguas faladas: **Vetor** (tem a ver com a direção do movimento da FIGURA em relação ao FUNDO); **Configuração** (relaciona a geometria de um FUNDO com um aspeto do movimento). Neste sentido, entende-se geometria de um FUNDO como, por exemplo, um recipiente, um volume. Talmy (2000b) refere que cada língua lexicaliza o seu próprio conjunto de complexos geométricos. No inglês, por exemplo⁹, pode-se obter a seguinte relação: num ponto que está no interior de um recipiente (*in*), num ponto que está na superfície de um volume (*on*), para um ponto que está no interior de um recipiente (*in-to*), para um ponto que está na superfície de um volume (*on-to*), de um ponto que está fora de um recipiente (*out of*) e **dêitico** (nele podemos notar o TRAJETO que seja ou não em direção ao falante). Segundo Talmy, esses três subcomponentes fazem parte das línguas faladas porque as línguas de sinais podem ter Contorno e Direção. (Idem, p.23)

⁸ Os exemplos foram retirados de Filho (2013, p. 39).

⁹ Veja-se, apropósito, Filho (2013, p. 24).

Filho (2013, p. 23) cita o estudo de Wälchli (2001) que propõe uma reformulação nos componentes do TRAJETO elaborados por Talmy. Wälchli, baseando-se nas preposições latinas, propõe os seguintes componentes no TRAJETO de deslocamento:

Ad = a FIGURA move-se para o FUNDO.

In = a FIGURA move-se para dentro do FUNDO.

Super = a FIGURA move-se na superfície de um FUNDO.

Ab = a FIGURA move-se (afasta-se) de um FUNDO.

Ex = a FIGURA move-se para fora de um FUNDO.

De = a FIGURA desce de um FUNDO.

Ao referir-se aos componentes do trajeto, Talmy (2000b, p. 53) citado por Filho (2013, p. 23) introduz o conceito de **vetor**. Segundo ele, o vetor compreende a direção do movimento da figura em relação ao fundo. Neste estudo, o autor apresenta os seguintes tipos de vetor: **partida**, **passagem** e **chegada**, compreendendo o movimento a partir de uma fonte (mover-se de), passando ao longo de um marco (passar por), para uma meta (mover-se para). Em suma, a figura realiza esses trajetos em direção a um fundo.

Exemplos¹⁰:

- a) Enquanto conversavam, o trem saiu de Londres.
- b) Nenhum deles reparou em uma coruja parda que passou, batendo as asas, pela janela.
- c) Recebeu uma coruja urgente do Ministro da Magia e partiu em seguida para Londres.

Relativamente ao exposto acima, percebe-se no exemplo em (a) que na frase a FIGURA (trem) realiza um TRAJETO de sair de um FUNDO (Londres), todavia o vetor realizado é mover-se de; em (b), a FIGURA (coruja parda) realizou o TRAJETO de passagem em relação ao FUNDO (janela), sendo que o vetor realizado é 'passar por'; no exemplo em (c), a FIGURA (ele/ela) realizou o TRAJETO de partir para um FUNDO (Londres) e o vetor realizado é 'mover-se para'. Constata-se que em todos os exemplos apresentados, a FIGURA se relaciona com um FUNDO e o vetor representa a direção do movimento.

De igual modo, Souto (2014, p. 12) afirma que, para Talmy, EM consiste no deslocamento ou localização de um objeto (FIGURA) em relação a outro objeto de referência (FUNDO). Segundo Souto, os componentes semânticos de um EM apresentados por Talmy

¹⁰ Os exemplos foram retirados de Filho (2013, p. 23).

são DESLOCAMENTO, FIGURA, TRAJETÓRIA (curso percorrido pela figura para alcançar o seu ponto de referência) e FUNDO.

Exemplo¹¹:

João vai	à	rodoviária.
↓	↓	↓
FIGURA	TRAJETÓRIA	FUNDO

Na apreciação de Souto, além destes elementos, Talmy destaca a CAUSA e o MODO como componentes complementares e admite que os verbos podem lexicalizar mais do que um componente semântico num processo de *conflation* (fusão). Relativamente a isso, Souto (2014, p. 12) apresenta como exemplo os verbos *entrar* e *sair*. Segundo ele, o primeiro descreve uma trajetória que vai do exterior para o interior de algum lugar e o segundo representa o movimento inverso; Quanto aos verbos *correr* e *nadar*, o autor explica que estes, além da trajetória, envolvem um modo de realizar o movimento, seja ele de forma rápida ou lenta e, no segundo caso, o meio pelo qual se realiza o referido movimento.

Souto (2014, p. 12) afirma que o estudo de Talmy (1985) deixa clara a ideia segundo a qual as línguas se distinguem umas das outras de acordo com o modelo de lexicalização que adotam. Sobre a tipologia de línguas, debruçar-nos-emos na próxima secção desta pesquisa.

Quanto à lexicalização, Talmy (2000b, p.23) citado por Filho (2013, p. 13) afirma que um significado pode ser associado a formas de superfície, num processo de lexicalização. Entende-se esse fenómeno como a associação regular de certos componentes semânticos a um morfema particular ou item lexical. Percebe-se então, que o processo de lexicalização é uma relação entre conceitos e léxico.

Evento e Macroeventos

Uma vez que abordamos os elementos semânticos expressos num evento, torna-se pertinente uma breve apresentação dos conceitos de **evento** e **macroevento**. Filho (2013, p. 14), baseando-se no estudo de Talmy (2000b), conceitua o evento como resultado de processos cognitivos e Talmy denomina-o de *conceptual partitioning* (partição conceitual) e *ascription of entityhood* (atribuição de identidade).

¹¹ O exemplo foi retirado de Souto (2014, p. 12).

Quanto a isso, no estudo de Pinker (2008, p. 16), citado por Filho (2013, p 15), entende-se um evento como uma parte da realidade recortada pela mente humana e compreendida como única. De acordo com o autor, a mente humana esculpe esse tecido em pedaços independentes a que se chama *events*. Dessa forma, a mente humana pode recortar parte de um domínio conceitual como tempo e espaço.

Todavia, tendo em conta as associações entre significados e elementos de superfície, no estudo de Talmy (1972, 1985), citado por Filho (2013, p. 13), aquele analisou frases com verbos de movimento que ligam dois eventos, formando os macroeventos (expressos por apenas uma oração (clause)). Assim, Talmy propõe a divisão dos macroeventos em duas partes: evento principal (*framing event*) e coeventos.

2.1.1. Tipos de línguas

Tendo em conta o comportamento dos verbos de movimento nas diferentes línguas, Filho (2016, p.321) refere o facto de os autores Talmy (2000b), Slobin (2006) e Levin e Rapport Hovav (2015) considerarem que os verbos de movimento são mais restritos em línguas neolatinas do que em línguas germânicas. Segundo estes autores, nas Línguas neolatinas (**português, italiano, espanhol, francês, galego, provençal, catalão e romeno**) os verbos de movimento tendem a expressar os primitivos movimento e trajetória na raiz, deixando o modo ser expresso por um gerúndio, ao passo que nas línguas germânicas (**inglês, alemão, neerlandês, sueco, dinamarquês e norueguês**) o movimento e o modo são expressos na raiz verbal e a trajetória é expressa por uma partícula associada ao verbo.

Para melhor descrever o comportamento dos verbos de movimento e das particularidades que os distinguem das outras categorias de verbos, Filho (2016, p. 322) refere que a comparação das línguas feitas por Talmy (1972, 1984, 200b) favoreceu a existência de esquemas que permitem agrupar as línguas do mundo em três grupos: **LFV**(línguas com frame¹² no verbo); **LFS** (línguas com frame no satélite) e **LFF** (línguas com frame na figura). O autor refere que as línguas com frame no verbo lexicalizam no verbo principal os primitivos semânticos de movimento e trajetória. Percebe-se, assim, a partir do que Talmy denominou padrões de lexicalização e esquema do evento de movimento que, num EM, a figura se desloca em relação a um fundo, sendo este (o fundo) um objeto ou ponto de

¹² Entende-se por *Frame* a partícula que se associa ou não ao verbo e que transmite a ideia de trajetória, modo ou o movimento da figura tendo em conta o tipo de língua.

referência. Filho (2013, p. 13) entende a lexicalização como a associação regular de um significado ou um conjunto de significados a um morfema particular ou item lexical. No exemplo a seguir, percebe-se a ligação entre os primitivos semânticos movimento e trajetória ao elemento de superfície que é a raiz verbal. É evidente como o EM é expresso na superfície.

Exemplo¹³:

O meu cachorro ficou na chuva, entrou na casa correndo e sujou tudo.

Figura	Movimento	Fundo
	Trajectoria	

Como se pode observar no exemplo, a figura é representada por *o meu cachorro* que se desloca para dentro de um fundo, *a casa*. O deslocamento neste exemplo é representado pelo verbo *entrar* e lexicaliza os primitivos movimento e trajetória. Com isso, o autor deixa clara a ideia segundo a qual as **LFV** expressam no verbo principal o movimento e a trajetória e o modo, quando é expresso, é representado pelo gerúndio, segundo Talmy (2000b, p. 53) citado por Filho (2016, P. 323).

De modo diferente do que ocorre nas LFV, o autor afirma que nas **LFS** a trajetória é expressa por elementos fora do verbo principal, mesmo que se associem a ele. Os elementos fora do verbo podem ser da classe morfológica de preposições, advérbios, prefixos, etc., dependendo da língua em uso.

Exemplo:

The dog ran into the house.

Figura	Movimento	Trajectoria	Fundo
	Modo	Satélite	

Como se vê no exemplo, a figura *the dog* movimenta-se de determinado modo. O cachorro correu para dentro de um fundo, no caso aqui representado por *the house*. O verbo principal não traz nenhuma informação sobre a trajetória que é expressa pela partícula *in* (para dentro) que indica a direção da trajetória. (Filho, 2016, p. 324).

Relativamente ao termo 'satélite', Talmy (2000b, p. 102) citado por Filho (2013, p. 43) conceitua-o como qualquer constituinte que não seja um sintagma nominal, preposicional ou

¹³ Os exemplos desta parte do trabalho, são de Filho (2016, pp. 323-325).

Legenda: **PF**=Prefixo; **TN**=Tema nominal; **RV**= Radical verbal; **SF**= Sufixo.

No exemplo, tendo em conta a explicação de Filho (2016, p. 325), o prefixo *ca* significa 'por causa do vento soprando sobre isso'. A raiz verbal *st'aq'* significa 'material nojento movendo ou parado' e o sufixo *ic't* faz referência a trajetória (para dentro de um líquido). Assim, o verbo traduz a ideia segundo a qual um material nojento se moveu para dentro de um líquido por causa do vento.

2.2. Os verbos de movimento em português

Mateus et. alli (1989, p. 46) referem que são considerados verbos de movimento os que exigem um argumento com a função semântica direção e exprimem uma propriedade dinâmica que envolve a deslocação de uma dada entidade de um dado ponto para outro.

Do ponto de vista semântico, Vilela (1992, p. 181) entende que os verbos se distinguem uns dos outros tendo em conta a interferência de três traços de conteúdo: **verbos de estado**, caracterizados pelos traços “permanência do acontecer verbal”; **verbos de processo**, definidos pelo traço “decorso do acontecer verbal no tempo” e **verbos de ação**, caracterizados pelo traço "atividade do sujeito e decorso no tempo". Para este autor, os verbos de movimento apresentam, além do traço [+ deslocação], traços como [+ com um instrumento (pés vs. pés e mãos vs. meio de transporte vs. ...)], [+ (num) meio (água vs. terra vs. ar)], [+ (uma dada) velocidade (de movimento: depressa vs.)], [+|-ativo].

Quanto aos verbos de movimento propriamente ditos, Vilela (1992, p. 180) afirma que existem quatro categorias de verbos de movimento: há verbos que implicam uma deslocação total do sujeito que se move (*andar, ir, correr, saltar, afastar-se*, etc.), estes apresentam os traços [+ deslocação], [+ depressa] vs. [+devagar], [+ com um instrumento (pés vs. pés e mão vs. meio de transporte vs. ...)], [+ (num) meio (água vs. terra vs. ar)], [+ (uma dada) velocidade (de movimento: depressa vs. devagar vs. ...)], [+|- ativo], etc.; outros que não implicam uma deslocação do sujeito ou do objeto (*pisar, esmurrar, acenar*, etc.) e apresentam o traço [- deslocação]; outros que assinalam uma deslocação do sujeito e do objeto (*trazer, levar*), e verbos que indicam somente deslocação do objeto (*enviar, despachar*). Percebe-se, deste modo, que nem todos os verbos de movimento pressupõem a deslocação ou o movimento de uma entidade de um ponto para o outro.

Quanto à deslocação ou não de um objeto ou de uma entidade concreta de um ponto para o outro, Raposo & Xavier (2013, p. 1550) afirmam que se trata apenas de uma deslocação metafórica, ou seja, em alguns casos, a transferência é transferência de posse, concebida como um movimento espacial de um ponto para outro. Em relação aos verbos de transferência (*dar, entregar, transmitir, etc.*), tendo em conta a sua realização argumental, o argumento com função sintática de sujeito desempenha o papel temático de fonte, o argumento com a função sintática de objeto direto desempenha o papel temático de tema e o argumento que com a função sintática de objeto indireto desempenha o papel temático de destinatário. (Raposo, 2013, p. 389)

Exemplos:

- a) - O polícia entregou a multa ao Luís.
- b) - O advogado passou o documento ao juiz.
- c) - O professor explicou a teoria aos alunos.

Por sua vez, Júnior (2015, p. 26), no seu estudo sobre verbos de movimento e sua representação na estrutura léxico conceptual, cita os estudos feitos por Talmy (1985; 2000a; 2000b) referindo que além das diferenças apresentadas por Talmy entre línguas com frame no satélite, que fundem movimento e modo, e línguas com frame no verbo, que fundem movimento e trajetória, é necessário acrescentar uma terceira classe nesta classificação de verbos. Assim, o autor, acrescenta a classe dos verbos de movimento que fundem o modo e a trajetória na raiz verbal. Ou seja, verbos que apresentam uma polissemia quanto à possibilidade de ora fazer transparecer a fusão de movimento e modo, ora a fusão de movimento, modo e trajetória. O autor apresenta como exemplo o verbo *correr* que, segundo ele, no seu uso atélico (*João correu*) deixa transparecer o modo como ocorre o movimento e, no seu uso télico (*João correu para casa*), evidencia a trajetória. (Júnior, 2015, p. 28)

Júnior (2015, p. 101) propõe, assim, a seguinte divisão da classe dos verbos de movimento: **verbos de movimento e modo** (*balançar, flutuar, girar, tremular, rodopiar, contorcer-se, espremer-se, rodar, balançar, dançar*); **verbos de movimento e trajetória** (*chegar, subir, descer, entrar, sair, chegar, partir, ir, vir, atravessar, tirar, decolar, pousar, aterrissar*) e **Verbos de movimento, modo e trajetória** (*correr, nadar, deslizar, voar, saltar, pular, galopar, navegar, rolar, trotar, marchar, empurrar, cambaleiar, andar, escorregar*).

Segundo o autor, a característica que distingue esta terceira classe de verbos é a polissemia regular de ora focalizar o modo (*João correu cambaleando*) ora a trajetória (*João correu para a escola*). Em virtude do tipo de argumento *default* realizado sintaticamente, os verbos dessa classe podem alternar aspetualmente entre um evento atélico (*João correu*) e um evento télico (*João correu para a escola*). Neste sentido, o autor dá a seguinte explicação:

"Verbos de movimento, modo e trajetória (verbos de tipo *correr*) têm a alternância aspectual prevista em sua estrutura eventiva e o argumento trajetória consta em sua estrutura argumental; verbos de modo não translacionais (verbos de tipo *balançar*) não têm previsto em sua estrutura eventiva o sentido de translação e telicidade, e o argumento trajetória não consta em sua estrutura argumental. Verbos de movimento não translacionais (verbos tipo *balançar*) adquirem o sentido de translação por derivação, isto é, por co-composicionalidade." (Júnior, 2015, p. 179)

Tendo em conta o movimento de translação, o autor faz a seguinte divisão dos verbos de movimento: **verbos propriamente de modo e de movimento sem translação** (*balançar* e *flutuar*); **verbos de movimento com translação e trajetória** (*entrar*, *subir* e *chegar*); **verbos de movimento com translação, modo e trajetória**, apresentando uma polissemia regular dependendo do contexto. Nuns contextos sobressai o modo do movimento (*João correu cambaleando*) e noutros casos, a trajetória (*João correu para a escola*). (Júnior, 2015, p. 26)

Do ponto de vista de Souto (2014, p. 12), os verbos de movimento dividem-se em dois grandes grupos, tendo em conta a sua natureza semântica e sintática: **verbos de deslocamento**, que implicam uma trajetória (*ir*, *vir*, *chegar*, *partir*) e **verbos de modo de movimento**, que não implicam trajetória, mas explicitam a maneira como o movimento do objeto ou figura foi realizado (*agitar*, *dançar*, *sacudir*, *girar*).

Wachowicz (2014, p. 187) divide os verbos de movimento em **verbos que manifestam o traço semântico de modo** e **verbos que manifestam o traço semântico de trajetória**. A autora refere que os verbos que têm o traço de modo apresentam um comportamento sintático diferente em relação aos que têm o traço trajetória. Para uma fácil compreensão das diferenças no uso alternado das duas preposições, a autora estabelece uma comparação entre a língua francesa e a língua inglesa.

A autora¹⁴ refere que no francês, as evidências para a existência de tal traço regulador estão no facto de os verbos de modo de movimento serem obrigados a formar o *passé composé* (pretérito perfeito) com o auxiliar *avoir (ter)* (*Elle a couru* 'Ela correu'), ao passo que os verbos de movimento e trajetória formam o *passé composé* com o auxiliar *être (ser, estar)* (*Elle est partie* 'Ela partiu'). No inglês, os verbos de movimento que transmitem a ideia de trajetória (*go (ir), leave (partir), come (vir)*) – sistematicamente bloqueiam o uso da preposição locativa *in (em)* na expressão do alvo do movimento

() #*John went in the supermarket*
João ir.3SG.PAS em o supermercado
João foi no supermercado

Tendo em conta a comparação acima, gostaríamos de refletir também em relação ao uso das preposições *em* e *para* com os verbos de movimento e trajetória. É nosso entendimento que o seu uso alternado depende muito do contexto de comunicação e das regras sintáticas e semânticas de cada língua. No português falado no Brasil, Moçambique e em Angola, por exemplo, é possível trocar-se a preposição *para* por *em* com os verbos de movimento e trajetória. O mesmo não é exequível nas línguas francesa e inglesa pelo facto de a sua sintaxe não o permitir.

Depois desta discussão sobre os verbos de movimento, e dos diferentes exemplos dados ao longo desta secção, é nosso entendimento que estes nem sempre pressupõem trajetória, podem simplesmente pressupor um movimento sem mudança de lugar (Raposo, 2013). Entende-se que os verbos que fundem movimento e trajetória, estes, sim, pressupõem uma determinada trajetória do objeto ou figura que se move por um caminho, aproximando-se ou distanciando-se de um ponto (Júnior, 2015).

2.2.1. Estrutura argumental dos verbos de movimento

Como se sabe, todo e qualquer verbo na sua representação semântica faz transparecer certa estrutura argumental¹⁵.

Tal como afirma Souto (2014, p. 18) e Raposo (2013, p. 379), em termos da estrutura argumental, os verbos de movimento que pressupõem trajetória geralmente selecionam: um argumento que desempenha o papel temático de tema, um argumento com o papel temático de

¹⁴ Wachowicz (2014, p. 187) os exemplos intercalados nesta parte do trabalho são de sua autoria.

¹⁵ Cf. Raposo (2013, p. 370).

origem, um argumento com o papel temático de destino. Nos casos de verbos de transferência de posse, (*dar, entregar, oferecer, passar, transmitir e vender*), Raposo (2013, p. 380) refere que a transferência é entendida de forma metafórica como um movimento que envolve uma trajetória de um lugar para outro. Quando isso ocorre, como se vê em (c) os verbos selecionam os papéis temáticos de: origem, tema e destinatário.

Exemplos¹⁶:

a). Mariana vai a/para Madrid.

< tema, destino >

b). O Miguel saiu/veio do escritório.

< tema, origem >

c). A Abril ofereceu um livro ao Eduardo.

< Origem, tema, destinatário >

Cançado (2006, p. 400) agrupa os verbos de movimento que pressupõem trajetória nas seguintes classes:

- verbos do tipo **achievement** que selecionam um locativo denotando lugar referente à origem ou ao destino (*A Ana entornou a água no fogão*);

- verbos do tipo **achievement** que selecionam desencadeador com controle e afetado, e uma trajetória, mas só admitem a representação de um dos pontos da trajetória (*João chegou à faculdade*);

- verbos do tipo **accomplishment** que selecionam trajetória e podem explicitar ponto inicial e final (*João andou de uma ponta à outra da cidade*);

- verbos do tipo **achievement** que exigem apenas um ponto da trajetória (*O copo caiu do armário*), e verbos do tipo **accomplishment** que podem explicitar todos os pontos da trajetória e acarretam um desencadeador com controle deslocado, um locativo afetado e aceitam uma trajetória para especificar o locativo (*João atravessou o rio de uma margem à outra*).

Para Souto (2014, p. 56), os verbos inacusativos, que denotam estados ou eventos não-agentivos (*existir, aparecer, chegar, florescer e crescer*), selecionam um único argumento que desempenha o papel temático de tema ou de paciente. O autor refere que, em

¹⁶ Os exemplos são de Raposo (2013, p.379).

outros contextos, os argumentos que desempenham o papel temático de agente realizam-se sintaticamente como sujeitos da oração tanto com verbos transitivos, quanto com verbos inergativos. Os argumentos que têm o papel temático de temas ou de pacientes realizam-se como objetos dos verbos transitivos e como sujeitos sintáticos de verbos inacusativos.

Jackendoff (1990, p. 126), citado por Júnior (2015, p. 40), faz a divisão dos papéis temáticos ou papéis conceptuais em duas camadas (*tiers*): **a temática** (que tem a ver com o movimento e a localização), na qual se enquadram os papéis temáticos de tema, meta e origem) e a de **ação** (que tem a ver com a afetação), na qual se enquadram os papéis temáticos de agente e de paciente).

Tendo em conta as propriedades semânticas dos verbos de movimento do português do Brasil, Cançado (2017, p. 425) entende que os aspetos ligados à trajetória e ao modo não fazem parte somente de uma classe de verbos. Segundo ela, esses aspetos variam de verbo para verbo, tendo em conta o número e tipo de argumentos que completam o sentido do verbo, o seu espeto lexical e o seu comportamento em relação à inacusatividade. Desta feita, a autora efetuou a distribuição dos verbos em cinco classes, com as respetivas estruturas argumentais, da seguinte forma:

- **verbos de realização de evento** (*correr, andar, caminhar, pular, galopar, saltar*) com a seguinte estrutura semântica: [X DO <EVENT>]; em termos sintáticos, estes verbos fazem parte dos verbos inergativos;

- **verbos de trajetória** (*chegar, entrar, sair*) que incluem no seu significado a especificação da direção do movimento e apresentam a seguinte estrutura semântica: [[X DO <EVENT>] LOC Z]; estes verbos selecionam dois argumentos: um sintagma nominal, que se move por uma trajetória, e um sintagma preposicionado, que expressa a trajetória (Fonte ou Meta); os verbos de trajetória denotam *achievements*, ou seja, descrevem eventos que são pontuais;

- **verbos de evento causado** (*descolar, hastear, levantar*), que necessitam de dois argumentos para que possam ter um sentido completo e que, segundo Cançado (2017, p. 436), aceitam a adjunção de um sintagma preposicionado que indica trajetória, estes verbos apresentam a seguinte estrutura argumental: [[X ACT] CAUSE [<EVENT> OF Y]];

- **verbos de movimento causado** (*lançar, enviar, extrair*) que, segundo Cançado (2017, p. 438), denotam o desencadeamento de movimento ao longo de uma trajetória e, selecionam três argumentos: um externo (agente) e dois internos: um tema, que é levado a mover-se por uma trajetória, e um sintagma preposicionado, que denota um ponto (Fonte, Meta) limite da

trajetória percorrida pelo tema. Têm a seguinte estrutura argumental: [[X ACT] CAUSE [[<EVENT> OF Y] LOC Z]];

- **verbos de modo de movimento** (*balançar, girar, rodopiar*), que, de acordo com Cañado (2017, p. 441), se integram na categoria dos verbos que denotam o modo como o movimento ocorre. Estes verbos apresentam a seguinte estrutura argumental: [X AFFECT <EVENT>Y].

Tendo em conta as propriedades temáticas que os verbos de movimento que pressupõem trajetória apresentam, Cañado (2006, p. 385) efetuou a classificação dos referidos verbos em seis classes:

- **Classe 1:** a autora apresenta a seguinte subdivisão: A {D(C), A/Desl, Loc (A)} e B {D(C)/Desl, A/Desl, Loc (A)}, sendo que a classe 1-A abrange os verbos de movimento que acarretam um desencadeador (controle), um afetado/deslocado e um locativo (afetado) (*Eu entornei o açúcar na lata*); A classe A-B engloba os verbos de movimento que pressupõem um desencadeador/deslocado (controle), um afetado/deslocado e um locativo (*O agricultor espalhou todas as sementes no terreno*).

Apesar desta subdivisão é evidente o facto de que na Classe 1, somente um dos pontos da trajetória é representado sintaticamente.

Exemplo:

João afastou o filho do carro.

No exemplo acima apresentado, percebe-se que *João* representa o desencadeador/controlador, *o filho* representa o elemento afetado/deslocado e *o carro*, que tem a ver com o início da trajetória, é o locativo/afetado. De acordo com o exemplo, percebe-se também que o verbo não especifica o ponto final da trajetória.

No que toca à especificação do ponto inicial do movimento e do ponto final, Cañado (2006, p.387) refere que os verbos que apenas especificam o ponto inicial da trajetória sem especificar o ponto final da trajetória são do tipo *achievement* (diante deste tipo de verbos, o processo expresso pelo verbo é representado num ponto único) e os verbos que denotam o ponto de início e do fim da trajetória são do tipo *accomplishment* (nos verbos deste tipo, a ação expressa pelo verbo desenvolve-se durante um intervalo de tempo, sendo especificados um ponto inicial, um meio e um ponto final).

- **A Classe 2** apresenta o seguinte esquema: A {D (C), A/Desl, Traj} e B {D (C)/Desl, A/Desl, Traj}. E esta classe é formada por verbos que acarretam um desencadeador (controle), um afetado/deslocado e a trajetória.

Exemplo:

- O artilheiro chutou a bola da lateral para o golo.

No exemplo acima apresentado, retirado do artigo de Cançado, a frase possui um predicado de quatro argumentos: o argumento externo (*o artilheiro*) é o desencadeador/controle, o argumento interno (*a bola*) é o afetado/deslocado, a (*lateral*) representa o ponto inicial da trajetória, (*o golo*) representa o ponto final da trajetória. Neste caso, estamos perante um verbo tipo do tipo *accomplishment*.

- **A Classe 3** tem a representação {D (C)/Desl, Loc/A}. Segundo a autora, nesta classe o foco recai no argumento interno introduzido por uma preposição e pressupõe a presença de um desencadeador/ controle/deslocado na posição de argumento externo e um locativo/afetado na posição de argumento interno.

Cançado refere que, no Português do Brasil, os verbos que denotam trajetória explicitam o ponto inicial ou final dessa trajetória através de uma preposição. (Cançado, 2006, p. 392)

Exemplo:

a) - Um homem desconhecido entrou na sala.

b- Ele saiu da escola.

Como se pode verificar, em (a), o ponto da trajetória que aparece explícito é o destino (*sala*), ao passo que em (b), é a origem (*escola*).

- **A Classe 4** tem a representação {D (C)/Desl, Traj}, esta classe tem a ver com os verbos que acarretam desencadeador/deslocado (controle) e trajetória. Estes verbos selecionam um argumento interno introduzido por preposição especificando o ponto inicial e final da trajetória.

Exemplo:

João andou de uma loja até à outra.

No exemplo acima, retirado do artigo de Cançado, percebe-se que a expressão *João* funciona como desencadeador/deslocado e a expressão *de uma loja até a outra* especifica o ponto inicial e final da trajetória.

- **A Classe 5** apresenta a estrutura: {A/Desl, Loc/A} integrando nela os verbos de movimento que selecionam somente um ponto da trajetória. Nesta classe, os verbos acarretam um argumento externo que não desencadeia o movimento, mas somente é afetado por ele. Os verbos que assim se comportam são classificados como inacusativos, já que explicitam sintaticamente somente a parte afetada pelo processo. A interpretação aspetual que se impõe neste tipo de verbos é do tipo *achievement*. (Cançado, 2006, p.396)

Exemplo:

O copo caiu do armário.

- **A Classe 6** tem a representação {D (C)/Desl, Loc/A, (Traj)}. Para Cançado (2006, p. 398). Esta classe tem a ver com os verbos que acarretam um desencadeador/controle/ deslocado, um locativo/afetado e, ainda, aceitam uma trajetória como especificação do locativo/afetado. Esta classe difere das classes anteriores no que se refere à possibilidade de especificar o locativo/afetado. Como vimos, nas outras classes, os verbos ou apresentam um locativo/afetado ou apresentam uma trajetória. Nesta classe, há possibilidade de ocorrência das duas. Relativamente à natureza aspetual, estes verbos são do tipo *accomplishment* (especificam o início, meio e o fim da trajetória).

Exemplo:

O alpinista transpôs os Andes do lado oeste para o lado leste.

Para concordar com a ideia segundo a qual nem todo o verbo de movimento pressupõe deslocamento de um ponto para o outro, Cançado (2006, p. 399) refere que existem verbos sem trajetória explícita, que, na sua opinião, acarretam um desencadeador/controle e um afetado (objeto deslocado), mas, apesar de se tratar de verbos de movimento, não admitem a explicitação da trajetória nem mesmo de um de seus pontos. Existe a denotação de que o afetado percorre o espaço de um ponto para o outro, porém, essa trajetória não aparece explícita na estrutura sintática.

Exemplo:

O menino envelopou suas figurinhas.

No exemplo, a frase é formada por um desencadeador/controle *o menino* e um afetado/deslocado *suas figurinhas*. Nota-se o acarretamento do deslocamento do argumento interno, o afetado/ deslocado: se é verdade que o menino envelopou suas figurinhas, é verdade que o argumento *suas figurinhas* se desloca de um ponto determinado A (das mãos do menino) para um ponto determinado B (o interior do envelope). Tal como afirmamos acima, a trajetória não está expressa sintaticamente. A ideia de movimento está contida no sentido do item lexical *envelopar* e parece que o argumento externo delimita o ponto inicial de uma trajetória e o próprio verbo delimita o ponto final. (Cançado, 2006, p. 399)

2.2.2. Regência dos verbos de movimento

Cunha & Cintra (1984, p. 512) entendem a regência como a relação que se estabelece entre duas palavras em que uma delas serve de complemento da outra. Segundo estes autores, as relações de regência podem ser indicadas pela ordem em que se dispõem os termos na oração e sobretudo pelas preposições que, como se sabe, têm a função primordial de ligar as palavras entre elas.

Segundo Gonçalves & Raposo (2013, p. 1160) regência é a dependência existente entre o núcleo de um sintagma e os seus complementos. Os autores entendem que o núcleo do sintagma é a categoria gramatical regente e os complementos selecionados por esses núcleos gramaticais constituem as categorias gramaticais regidas. Por exemplo na frase *A Maria deu um carro ao filho*, o verbo *dar* rege o complemento direto *um carro* e o complemento indireto *ao filho*. Assim, percebe-se que a regência não está apenas ligada à relação entre um regente e o seu complemento, enquanto constituinte, mas tem também a ver com a relação existente entre um regente e o núcleo do seu complemento.

Tendo em conta a noção de regência acima apresentada, torna-se pertinente fazer uma breve descrição da classificação dos verbos, na perspectiva do estudo apresentado por Gonçalves & Raposo (2013, p.1192). Segundo este estudo, existem quatro classes de verbos organizados em duas dimensões, em que a primeira dimensão está relacionada com os **verbos pessoais** (que selecionam um sujeito) e com os **verbos impessoais** (que não selecionam um sujeito); A segunda dimensão está relacionada com os **verbos transitivos** (que selecionam um complemento direto) e com os **verbos intransitivos** (que não selecionam um complemento direto). Todavia, os autores referem que, de acordo com o número e o tipo dos seus

x y

d. A reunião realizou-se paralelamente ao encontro.

x y

Segundo Raposo, o termo que assume a função de x é chamado subordinante, é o que determina a presença de uma determinada preposição. A preposição, por seu turno estabelece uma relação entre o termo regente e uma expressão nominal (ou uma oração).

No exemplo (a) a preposição 'para' relaciona o verbo regente com o sintagma nominal 'o seu escritório'; no exemplo (b), a preposição 'de' relaciona o nome 'amigo' com o sintagma 'o meu irmão'; em (c), a preposição 'com' põe o adjetivo 'contente' em relação com o sintagma 'o seu comportamento', e, em (d) o SN 'o encontro' é posto em relação com o advérbio pela preposição 'a'. Neste sentido, a preposição está contida em y . Pelo que se percebe, o termo x pode ser uma palavra que pertence a uma das classes lexicais. Uma vez que a regência não ocorre, apenas, com os verbos, o termo x pode representar um verbo, um nome, um adjetivo ou um advérbio. Todavia, não se pode afirmar que em todos os contextos as preposições apresentam algum valor semântico, muitas vezes, apenas desempenham a função de elo de ligação gramatical entre um regente (especialmente quando este é um nome ou um adjetivo) e o seu complemento (idem, p. 1528).

Percebe-se, portanto, que os gramáticos Raposo & Xavier (2013, p. 1497) e Cunha & Cintra (2014, p. 691) partilham da mesma opinião relativamente à função da preposição enquanto elemento que serve para relacionar dois termos de uma oração. Por vezes, a preposição pode ser vazia de sentido possuindo uma função meramente gramatical. Noutros casos, possui um contributo semântico.

Para Souto, cada função-de-lugar estabelece restrições que garantem a variação do uso de uma determinada preposição nas diferentes línguas e deve ser tida em conta a distinção entre as ideias de lugar (locativo) e de trajetória (direção). Segundo este autor¹⁸, quando as preposições relacionam elementos que transmitem a ideia de movimento, deve ter-se em conta um ponto de referência em relação ao qual o movimento será ou de aproximação ou de afastamento.

Exemplos:

¹⁸ Souto (2014, p. 104).

a) Aproximação: Vou à igreja.

b) Afastamento: Volto da igreja.

Relativamente aos verbos de modo de movimento, Souto (2014, p. 121) cita Fábregas (2007), que fez a subdivisão destes verbos em duas classes: a dos **verbos que lexicalizam o papel aspectual**, PathP, (*Ontem, o João nadou bem*) e a dos **verbos que transmitem a ideia de movimento sem deslocamento** (O João agitou a bandeira). Desta feita, o autor decompõe os complementos dos verbos direcionais ou de sentido locativo em dois núcleos PlaceP (lugar) e PathP (trajetória). A partir desta decomposição da preposição proposta por Fábregas (2007), Souto (2014, p. 129) enquadra as preposições *a* e *para* no núcleo referente à trajetória PathP (direcional), sendo, portanto, regidas pelos verbos de movimento direcional. O autor enquadra a preposição *em* no núcleo Place (locativa).

O consenso que se pode notar entre os diferentes autores relativamente à definição de preposição é o facto de serem unânimes quanto à ideia segundo a qual as preposições são usadas para interligar expressões, estabelecendo, de uma forma obrigatória ou facultativa, uma relação semântica entre duas palavras ou sintagmas. Na relação entre a preposição e o seu complemento não deve intervir um outro elemento.

2.3.1. Valor semântico das preposições *a*, *para* e *em*

Tendo em conta os meandros da nossa pesquisa, apresentaremos somente o valor semântico das preposições *a*, *para* e *em* por estarem mais ligadas ao estudo em causa.

2.3.2. Preposição *a*

Quanto a esta preposição, Raposo & Xavier (2013, p.1550) consideram que, quando regida pelos verbos **dar**, **entregar**, **explicar**, **oferecer**, **passar**, **transmitir** e **vender**, introduz um constituinte com a função sintática de complemento indireto, com o valor semântico de origem ou fonte pela transferência de uma entidade, concreta ou abstrata, a partir de um indivíduo que é a origem ou fonte da transferência, para outro indivíduo que recebe o que é transferido. O autor afirma também que a transferência é muitas vezes concebida metaforicamente como um movimento espacial de um lugar para outro. Neste contexto a

preposição *a* é usada para marcar o constituinte que representa o alvo, visto que, metaforicamente, este é assimilado ao lugar final de um movimento. (idem, p. 1550)

Exemplos:

- a) - O padrinho deu um convite ao afilhado.
- b) – A Maria entregou o livro a Joana.
- c)- A secretária passou o cartão ao aluno.

Por sua vez, Cunha & Cintra (1984, p. 558) referem que a preposição *a* remete para direção a um limite, que pode estar associado ao espaço, ao tempo ou simplesmente a uma noção.

Exemplos¹⁹:

- a) - Do Leme **ao** posto 6, a viagem é proporcionada aos recursos menores de que disponho.
- b) - Daqui **a** uma semana o senhor vai lá em casa.
- c)- A sua vida com o marido vai de mal **a** pior.

A preposição *a* para Souto (2014, p. 18) transmite a ideia de trajetória em direção a um destino, ou seja, o espaço marcado pelo objeto ou lugar de referência corresponde ao ponto de chegada da trajetória.

2.3.3. Preposição *para*

A preposição *para*, de acordo com Raposo & Xavier (2013, p. 1553) tem um valor semântico espacial direcional, introduz um sintagma preposicional que desempenha o papel temático de beneficiário, e, além disso, o constituinte por ele introduzido tem um valor temporal, localizando uma situação num intervalo futuro “de calendário”.

Exemplos:

- a) - O Alfaiate fez um fato **para** o António.
- b) - *Para* o ano, João vai a Luanda.

A preposição *para*, segundo Souto (2014, p. 18), transmite a ideia de trajetória dirigida a uma direção ou espaço marcado por um objeto ou lugar de referência.

¹⁹ Exemplos retirados de Cunha & Cintra (1984, p. 558).

Exemplos²⁰:

- a) - Agora não lhe interessava ir **para** o Huamba.
- b) - Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, **para** o dia seguinte.
- c)- Deram-lhe o formulário **para** preencher à máquina e reconhecer a firma.

2.3.4. Preposição *em*

No português europeu, a discussão em torno do valor semântico desta preposição dá conta de que ela tem o significado básico de localização espacial estática num determinado espaço. Além da ideia de localização estática que nos remete para um locativo, ela pode também ter um valor temporal, servindo para localizar uma situação num intervalo de tempo consistindo em dias da semana, meses, estações do ano e períodos festivos. (Raposo & Xavier, 2013, p. 1547)

Exemplos²¹:

- a) - Vou ao cinema **na** segunda-feira.
- b) - Li esse livro **em** agosto.
- c)- **No** verão, o clima é quente e seco.
- d)- **No** Natal, vou viajar.

A referida preposição é ainda usada nas seguintes situações:

- Para introduzir orações subordinadas gerundivas. Ex: **Em** vendendo o carro, passo a viajar de comboio;
- Para marcar um estado físico ou mental em que se encontra o sujeito. Ex: Ele ficou **em** desespero.

²⁰ Exemplos extraídos de Cunha & Cintra (1984, pp. 567-568).

²¹ Os exemplos são de Raposo & Xavier (2013, p. 1548).

2. 4. Preposições direcionais e preposições locativas

Quanto à distinção entre preposições direcionais e preposições locativas, Raposo & Xavier (2013, p. 1541) referem que no PE as preposições direcionais são: *a*, *de*, *para* e *por*, enquanto que *em* é tida como preposição locativa. Segundo o mesmo autor, em termos de regência, a preposição *em* opõe-se às preposições *a*, *de*, *para* e *por*, pelo facto de representar a localização espacial estática de uma entidade no lugar que ocupa, enquanto *a*, *de*, *para* e *por* representam o movimento direcional dinâmico, perspectivado de maneira diferente consoante a preposição.

Exemplos:

- a) - O António está **em** Luanda.
- b) - A Maria saiu **do** salão de beleza.
- c)- O Francisco vai **a/ para** o Huambo.
- d)- O Afonso passou **por** Lubango.

Com base na discussão de Raposo & Xavier (2013, p. 1542), constatamos que as preposições *a* e *para* são direcionais e marcam a aproximação do constituinte que desempenha a função semântica de destino, ao passo que a preposição *de* marca a separação e afastamento em relação ao lugar de origem, à medida que se vai percorrendo o percurso.

Um argumento que é frequentemente apresentado a favor da ideia de que as preposições *de* e *para* são direcionais é o facto de elas não se poderem combinar com verbos estativos.

Exemplos:

- * Joana está/foi para /a Luanda.

Souto (2014) procura captar estas restrições, baseando-se na proposta de Fábregas (2017), segundo a qual os verbos de modo de movimento se subdividem em duas classes: a dos **verbos que lexicalizam a trajetória**, PathP, (*Ontem, o João nadou bem*) e a dos **verbos que transmitem a ideia de movimento sem deslocamento** (*O João agitou a bandeira*). Desta feita, o autor decompõe os complementos dos verbos direcionais ou de sentido locativo em dois núcleos PlaceP (lugar) e PathP (trajetória). A partir desta decomposição proposta por Fábregas (2017), Souto (2014, p. 129) enquadra as preposições *a* e *para* no núcleo referente à

trajetória PathP (direcional), sendo, portanto, regidas pelos verbos de movimento direcional. O autor enquadra a preposição *em* no núcleo Place (locativa). Assim, nota-se que em PE as preposições *a* e *para* são direcionais e a preposição *em* é estativa.

Tal como afirmou Bagno (2000, p. 255) apesar de as preposições *a* e *para* serem ambas direcionais, elas apresentam uma diferença. Raposo & Xavier (2013, p. 1543) referem que ambas marcam um constituinte com o valor semântico de destino, porém apresentam uma diferença aspetual entre estados episódicos e estados permanentes. Neste sentido, a preposição *a* classifica-se como episódica e a preposição *para* como estável. A preposição *a* representa deslocamentos curtos a um lugar, implicando um regresso mais ou menos rápido ao lugar de origem. A preposição *para* representa deslocamento de duração mais demorada em relação ao regresso ao lugar de origem.

Exemplos:

- a) -Vou ao correio.
- b) - Vou para Braga.

No português falado no Brasil usa-se de forma alternada as preposições *a*, *para* e *em* com os verbos de movimento. Bagno (2000, p. 250) explica este fenómeno citando o instrutivo ensaio de Rocha Lima (p. 223-231) intitulado “Sobre o sincretismo de *a* e *em* no exprimir direção” e recorre aos aspetos históricos do seu uso na língua portuguesa. O autor apresenta como hipótese de explicação deste facto a tradução destas duas preposições do Latim para o português referindo que, no latim literário, uma e outra partícula [*ad* e *in*] serviam tanto para indicar a ideia de repouso como a de movimento. Bagno (2000, p.223) reafirma que ambas em termos semânticos têm um sentido locativo e um sentido direcional. No latim, a preposição *in* da qual se originou a preposição *em*, existia em concorrência com a preposição *ad*, que se traduz por *a*. Não havia rigor na separação no momento do seu uso, pois usava-se uma ou outra para indicar tanto a ideia de repouso/localização fixa, quanto a ideia de movimento/direção (Bagno, 2000, p. 141).

Em relação ao percurso das preposições do latim para o português e a sua interpretação no português falado no Brasil, Bagno faz a seguinte afirmação:

"A língua trazida para as colônias portuguesas não foi a norma literária relativizada, que só uma ínfima parcela escolarizada da população conhecia e utilizava, mas sim a língua falada pelo povo, na qual as formas arcaicas não tinham sofrido alteração e continuavam a ser usadas. Assim se explica o fato de, até hoje a imensa maioria da população brasileira usar a preposição *em* com os verbos *ir*, *chegar*, *vir* e outros com ideia de movimento". (Bagno, 2000, P. 142)

O autor afirma ainda que, com o tempo, as línguas românicas tornaram-se línguas literárias e, fruto da sua normalização e especialização, reservou-se a preposição *ad* para verbos que exprimem a ideia de movimento, e a preposição *in* para verbos locativos. No entanto, esta distinção não ocorre em todas as línguas românicas. No francês, por exemplo, até hoje, não se faz essa divisão, ouve-se frases do tipo: *je vais à Paris e je vais en Italie*, notando-se nestes exemplos que o verbo *ir* rege de forma alternada as preposições *a* e *em*. (Bagno, 2000 p. 251)

Como acima referimos, Bagno (2000, p. 254) afirma que, além das preposições *a* e *em*, no português do Brasil usa-se com *ir* de sentido direcional a preposição *para*. Assim como os gramáticos latinos tentavam prescrever as subtilezas de significação que impunham o uso correto das preposições *ad* e *in* com o verbo *ire*, também a norma padrão em vigor no Brasil luta por preservar uma distinção entre *ir a* e *ir para*, tendo como noções semânticas [- permanência] e [+ permanência].

Relativamente a isso, a hipótese de Mollica (1996: 158) citada por Bagno (2000, p. 254) faz referência ao uso [+ padrão] da preposição *a* com o verbo *ir*. A autora afirma que, quanto mais definido o referente, maior hipótese de ser regido por *em*, por indicar lugar onde, além de movimento dado pelo verbo *ir*; por outro lado, quanto mais indefinido, vago ou impreciso for o referente locativo, tanto maior a oportunidade de ocorrer *a/para*, onde apenas a noção de movimento está presente. Reafirma que o uso [+ padrão] da preposição *a* é amplamente favorecido pelo traço [- definido]; enquanto o uso da preposição *para* [- padrão] registra uma diferença muito maior em relação ao grau de definitude, com um favorecimento do traço [+ definido]. (Idem, p. 263)

No que concerne o uso alternado das preposições *em* e *para* no português brasileiro com verbos que transmitem a ideia de movimento, Wachowicz (2014, p. 187) refere que há traços envolvendo os sentidos destas preposições que as aproximam e permitem o seu uso nos mesmos contextos.

No português falado em Angola, Moçambique e Brasil tendencialmente usa-se a preposição *em* com os verbos que transmitem a ideia de movimento. Gonçalves (2010, p. 139) procura explicar o uso da preposição *em* com verbos de movimento no português falado em Moçambique e Angola, apresentando como hipótese o contacto com as línguas bantu e o facto de, nessas línguas, a preposição aglutinada na raiz verbal incorporar a ideia de movimento, percurso e especificações semânticas não só de exterioridade como de direção.

Exemplos²²:

- a) - Raparigas saem em igreja.
- b) - Raparigas entram em igreja.

No português de Moçambique a preposição *em* ocorre com argumentos de verbos de movimento com a função de direção / destino ou direção / origem, que, em PE, são regidos pelas preposições *a/ para* e *de*, (Gonçalves, 2010, p. 130). E, além deste facto, a autora refere ainda que há casos em que os argumentos locativos e direcionais são sintaticamente realizados como nomes próprios sem preposição e sem artigo:

Exemplos²³:

Locativos

- a) - PM: [Aqui] [Maputo] há muita gente.
- b) - PE: [Aqui] [em Maputo] há muita gente.

Direcionais

- c) - PM: Viemos [aqui] [Maputo].
- e) -PE: Viemos [(para) aqui] [para Maputo].
- f) - PM: Saímos [Matalane]. d)- PE: Saímos [de Matalane].

A partir dos exemplos, Gonçalves (2010, p. 130) faz-nos perceber que, se, por um lado, em português de Moçambique a preposição *em* ocorre com argumentos de verbos de movimento, por outro, observa-se também a omissão da preposição em certos casos (*Saímos [Matalane]*). A autora justifica o uso da preposição *em* com verbos de movimento porque

²² Os exemplos são de Gonçalves (2010, p. 137)

²³ Os exemplos foram extraídos de Gonçalves (2010, p. 131), mas a enumeração é nossa.

segundo ela, nas línguas *bantu*, os verbos de movimento lexicalizam não só a trajetória, mas também a direção e é por isso que se combinam com sintagmas que são locativos.

Quanto à omissão da preposição, a autora afirma que, nas línguas *bantu* a partícula incorporada ao verbo transmite a ideia de direção do movimento, e por isso o argumento do verbo já não precisa da preposição. Este facto justifica a possibilidade de combinação destes verbos com argumentos introduzidos pela preposição *em*, que assinala o locativo, mas não indica a direção. Diante disto, os falantes têm duas possibilidades: uma primeira possibilidade é a omissão da preposição por não ser considerada necessária já que a ideia de direção já está contida no verbo; a segunda possibilidade consiste no uso da preposição *em* apenas como marcação do locativo.

No português de Moçambique nota-se também a omissão de outras preposições, como a preposição *de*. Como se sabe, a preposição *de* é direcional, não indica localização. Contudo, no português de Moçambique omite-se a preposição *de* e com verbos de movimento, porque a ideia de direção está contida no verbo. (Gonçalves, 2010)

Relativamente ao português de Angola, nota-se que tanto o uso da preposição *em* com verbos de movimento quanto a omissão da preposição *de*, em alguns casos são factos que se assemelham ao português de Moçambique. Nos próximos capítulos, abordaremos, com exemplos, o que ocorre no português de Angola.

III Capítulo- Metodologia

3.1. Procedimento de recolha do *corpus*

A fim de pesquisarmos sobre a regência dos verbos de movimento no português falado em Angola, usamos o programa “Exmaralda” para transcrever parte de um *corpus* de fala organizado no âmbito do projeto de doutoramento do Serafim Muenho, afeto ao CEHUM com o título: *Estudo contrastivo de aspetos morfossintáticos do português e umbundu*. As referidas entrevistas têm entre 40 a 60 minutos de duração e foram feitas a falantes bilingues que têm L1 umbundu e L2 português. O *corpus* é constituído por trinta (30) entrevistas, das quais escolhemos dezoito (18). Tivemos em conta as variáveis: linguísticas 'verbos de movimento' e 'preposição'; as variáveis extralinguísticas foram a idade e nível de escolaridade.

3.2. Caracterização dos informantes

Trabalhou-se com quatro (4) grupos de quatro (4) informantes cada. Quanto à variável género, tivemos nove (9) informantes masculinos e nove (9) femininos. Relativamente à variável idade, tivemos informantes da faixa 1 (8-9 anos); informantes da faixa 2 (11-12 anos) e informantes da faixa 3 (40-55 anos; nesta faixa etária, tivemos quatro (4) com a 3.^a classe, quatro (4) com a 6.^a classe e dois licenciados). No que se refere à variável escolaridade, tivemos 8 informantes de Grau A (3.^a classe, dentre eles quatro crianças e quatro adultos); 8 informantes de Grau B (6.^a classe, dentre eles quatro crianças e quatro adultos) e 2 informantes de Grau C (Licenciados). O desequilíbrio do número de informantes de Grau C em relação aos outros grupos deve-se ao facto de até ao momento do término da nossa pesquisa, não se ter entrevistado mais falantes que preencham o requisito necessário para o grau C (licenciado). A tabela que se segue ilustra com clareza o cruzamento das variáveis extralinguísticas e o total de informantes.

Tabela 1. Variáveis extralinguísticas e total de informantes.

Género		Idade	Escolaridade	Total / informantes
Masculino	Feminino			
2	2	8- 9 anos	3. ^a Classe	18
2	2	11- 12 anos	6. ^a Classe	
2	2	40- 55 anos	3. ^a Classe	
2	2	40- 55 anos	6. ^a Classe	
1	1	40- 55 anos	Licenciados	

Tendo em conta a nossa abordagem, tivemos mais em atenção as variáveis idade e grau de escolaridade. Por essa razão, os resultados que se seguem nada apresentam sobre o género.

3.3. Análise dos dados

Do *corpus* da pesquisa, a partir das entrevistas transcritas, identificámos um total de 298 construções²⁴ em que ocorrem diferentes verbos de movimento. Observou-se um total de 10 verbos, nomeadamente *ir, sair, chegar, vir, levar, entrar, viajar, dar, voltar e entregar*. A nossa análise recaiu, sobretudo, nos verbos de movimento direcionais, tanto os que transmitem a ideia de mudança de um lugar para o outro, como *ir, chegar, sair, entrar* e que regem as preposições *a, para* e *de* no PE, ou aqueles que semanticamente veiculam a ideia de um movimento meramente metafórico como o caso do verbo *dar* e *entregar*. Uma primeira constatação nas construções dos informantes é o facto de os verbos de movimento regerem diferentes preposições. A seguinte tabela espelha os verbos de movimento encontrados nas construções dos informantes e o número de vezes em que um determinado verbo rege uma preposição.

²⁴ Conferir tabela com construções dos falantes em anexo.

Tabela 2. Verbos de movimento e respetiva regência expressa pelos informantes.

Verbo	Preposição regida	Número de ocorrências
Ir	em	131
Ir	a	40
Ir	para	21
Sair	de	20
Sair	em	13
Sair	Ø	5
Chegar	em	15
Chegar	a	4
Vir	em	13
Vir	a	2
Vir	de	1
Viajar	em	4
Viajar	Para	1
Dar	em	5
Voltar	em	1
Voltar	a	1
Entregar	em	1
Levar	em	6
Levar	a	5
Levar	para	3
Entrar	em	6
Total de Frases		298

Além de os verbos de movimento regerem diferentes preposições, constatou-se que o verbo *ir* foi o mais usado pelos informantes 64% de ocorrências, tendo este verbo regido somente a preposição *em* para um determinado grupo de informantes. Nos outros grupos, a regência do verbo *ir* alterna entre *a*, *para* e *em*, como mais adiante demonstraremos. Podemos constatar a percentagem de ocorrências dos verbos detetados na tabela abaixo:

Tabela 3. Número de ocorrências por verbo e sua respectiva percentagem.

Verbo	Número de ocorrência	Percentagem de ocorrências
Ir	192	64%
Sair	38	12%
Chegar	19	6%
Vir	16	5%
Levar	14	4%
Entrar	6	2%
Viajar	5	1%
Dar	5	1%
Voltar	2	1%
Entregar	1	1%

Em termos de regência, pode observar-se na Tabela 1 que a preposição *em* foi mais usada com os verbos *ir*, *vir*, *chegar*, *viajar*, *levar*, *voltar*, *dar* e *entregar*, seguida pela preposição *a* com os verbos *ir*, *vir* e *levar*, a preposição *para* com os verbos *ir*, *viajar* e *levar*, e, por fim, a preposição *de*, com os verbos *sair* e *vir*. Mas adiante abordaremos a ocorrência de cada verbo de movimento por faixa etária e por nível de escolaridade.

IV Capítulo- Resultados

4. Resultados

Passaremos, neste momento, à descrição da regência dos verbos de movimento por faixa etária e por grau de escolaridade.

Desta feita, os informantes de grau A (informantes da 3.^a classe), faixa 1 (com idade que vai dos 8 aos 9 anos) combinam os verbos de movimento como *ir*, *vir*, *chegar* somente com a preposição *em*, que em PE seleciona argumentos com valor semântico de locativo. Pode-se observar este facto na tabela abaixo:

Tabela 4. Regência dos verbos de movimento por falantes da 3.^a classe com a idade entre 8 e 9 anos.

Faixa etária	Escolaridade	Verbos	Preposição	Nº de ocorrências
8-9 anos	3. ^a Classe	IR	em	33
			a	0
			para	0
		VIR	em	3
			de	0
		SAIR	de	1
			Ø	1
		CHEGAR	em	1
		ENTRAR	em	1
		LEVAR	em	2
a	0			
DAR	em	1		
<i>Total de frases</i>				43

Como se pode observar na tabela acima, os falantes da 3.^a classe, com a faixa etária 1 (8-9 anos), combinam os verbos de movimento *ir*, *vir*, *chegar*, *levar* e *dar*, somente com a preposição *em*. Os exemplos a seguir provam a regência destes verbos somente com a preposição *em*, conforme referido.

Exemplos²⁵:

- a) Quando eles me procuram, vamos *no* parque brincar.
- b) A mamã costuma acarretar água e ir *na* lavra.
- c) Nas próximas férias, vou *em* Luanda passear.
- d) Ao acordar, fazer o matabicho e depois vir *na* escola.
- e) O papá, de manhã, acorda e vai *no* trabalho dele.

Em seguida, tal como ocorre com os informantes da 3.^a classe, também os informantes da 6.^a classe, com idade entre 11 e 12 anos, combinam os verbos de movimento, sobretudo *ir*, *vir*, *chegar* e *viajar* somente com a preposição *em*, como podemos aferir a partir da tabela seguinte:

Tabela 5. Regência dos verbos de movimento por falantes da 6.^a classe com a idade entre 11 e 12 anos.

Faixa etária	Escolaridade	Verbos	Preposição	Nº de ocorrências
11-12 anos	6. ^a Classe	IR	em	34
			a	0
			para	0
		VIR	em	1
			a	0
		SAIR	de	1
			em	1
			∅	2
		CHEGAR	em	2
			a	0
		ENTRAR	em	2
		VIAJAR	em	2
			a	0
		<i>Total de frases</i>		

Como se pode constatar na tabela, estes informantes usam somente a preposição *em* com os verbos de movimento como *ir*, *vir*, *chegar* *entrar* e *viajar*.

²⁵ Os exemplos foram extraídos do *corpus* do trabalho (transcrição das entrevistas aos falantes que se encontra no anexo).

Exemplos²⁶:

- a) A vizinha estava a ir *nas* lavras e o dinheiro roubaram.
- b) O meu pai vai *na* cidade fazer kupapata²⁷.
- c) Depois de chegar *na* praça, passa onde vendem carvão.
- d) Nas próximas férias quero viajar *no* Huambo.
- e) Primeiro banho depois venho *na* escola.

A partir dos exemplos, torna-se evidente o facto de os falantes desta faixa etária, com a 6.^a classe, apenas combinarem os verbos de movimento em análise com a preposição *em*.

De modo diferente do que ocorre nas construções dos falantes da 3.^a classe, com idade entre 8 e 9 anos, os adultos com idade compreendida entre os 40 e 55 anos, com o mesmo nível ou grau de escolaridade (3.^a classe) pese embora regerem mais os verbos de movimento como *ir*, *vir*, *chegar* com a preposição *em*, algumas vezes alternam com as preposições *a* e *para*. Facto similar entre estes dois grupos é o uso da preposição *em* com o verbo de transferência *dar*. A tabela em baixo mostra-nos a regência destes falantes por verbo.

²⁶ Exemplos retirados do *corpus* do trabalho.

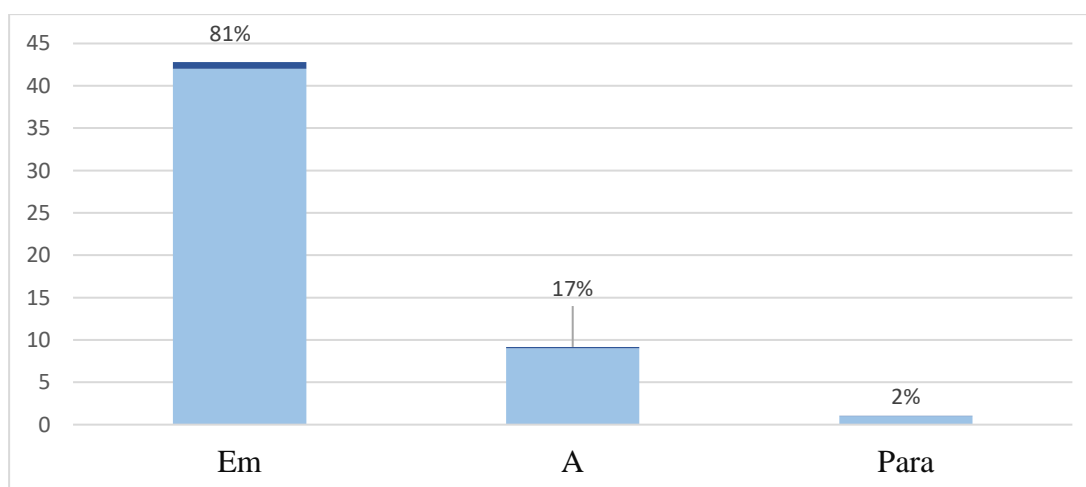
²⁷ Expressão usada em Angola para se referir ao serviço de moto táxi.

Tabela 6. Regência dos verbos de movimento por falantes da 3.^a classe com idade entre 40 e 55 anos.

Faixa etária	Escolaridade	Verbos	Preposição	Nº de ocorrências
40-55 anos	3. ^a Classe	IR	em	39
			a	9
			para	1
		CHEGAR	em	4
			a	2
		SAIR	de	12
			em	4
			∅	1
		VOLTAR	em	0
		VOLTAR	a	1
		DAR	em	2
		ENTREGAR	em	1
		ENTRAR	em	0
		VIR	em	1
		LEVAR	a	1
para	2			
em	4			
<i>Total de frase</i>				84

O gráfico que se segue apresenta a percentagem de uso das preposições *em*, *a*, *para* com verbos de movimento por parte dos falantes adultos com a 3.^a classe.

Gráfico 1. Regência dos verbos de movimento nas construções dos adultos com 3.^a classe.



Exemplos²⁸:

- a) O importante é sair de manhã cedo e ir *na* lavra trabalhar.
- b) Toda mulher que vai *à* igreja não discute dentro de casa.
- c) As crianças vão para a escola e nós, os papás, vamos *no* campo.
- d) Ele ficou a espera para ir *ao* hospital.
- e) Às vezes a pessoa chega *em* casa e acontece muita coisa.

Uma outra constatação semelhante entre os falantes da 3.^a classe com idades diferenciadas é o facto de combinam os verbos *dar* e *entregar*, de transferência de posse, com a preposição *em*.

Um outro facto comum a assinalar é a omissão da preposição regida pelo verbo *sair*, que em PE transmite a ideia de origem.

Exemplo:

- a) Quero ser professor para dar aulas *nos* alunos (Fal. 3.^a classe, criança).
- b) O Job pega a bola e dá *no* Tiago (Fal. 3.^a classe, adulto).
- c) Naquele momento, você escreve uma carta e entrega *na* rádio (Fal. 3.^a classe, adulto)
- d) Depois saímos lá e viemos aqui (sair \emptyset) (Fal. 3.^a classe, criança).
- e) As minhas visitas são a minha família que sai longe (sair \emptyset) (Fal. 3.^a classe, adulto).

Assim, a partir dos exemplos, percebe-se que tanto os adultos como as crianças deste nível de escolaridade usam a preposição *em* para introduzir o argumento alvo, com o verbo *dar* que, em PE, é introduzido pela preposição 'a'. E, em alguns casos, com o verbo *sair*, omitem a preposição *de* que transmite a ideia de origem. Além disso, só aparece zero (\emptyset) com a preposição *de*, não aparece com a preposição *em*.

De igual modo, tal como acontece com informantes adultos com a 3.^a classe, os informantes adultos com idade entre os 40 e 55, com a 6.^a classe, mesmo em num número reduzido de ocorrências, também combinam de forma alternada os verbos de movimento como *ir*, *vir*, *chegar* e *viajar*, com as preposições *em*, *a* e *para*. Particular realce recai também na regência do verbo *dar*, de transferência de posse. Esses falantes combinam o referido verbo com a preposição *em*. Podemos aferir estes factos na tabela e no gráfico em baixo:

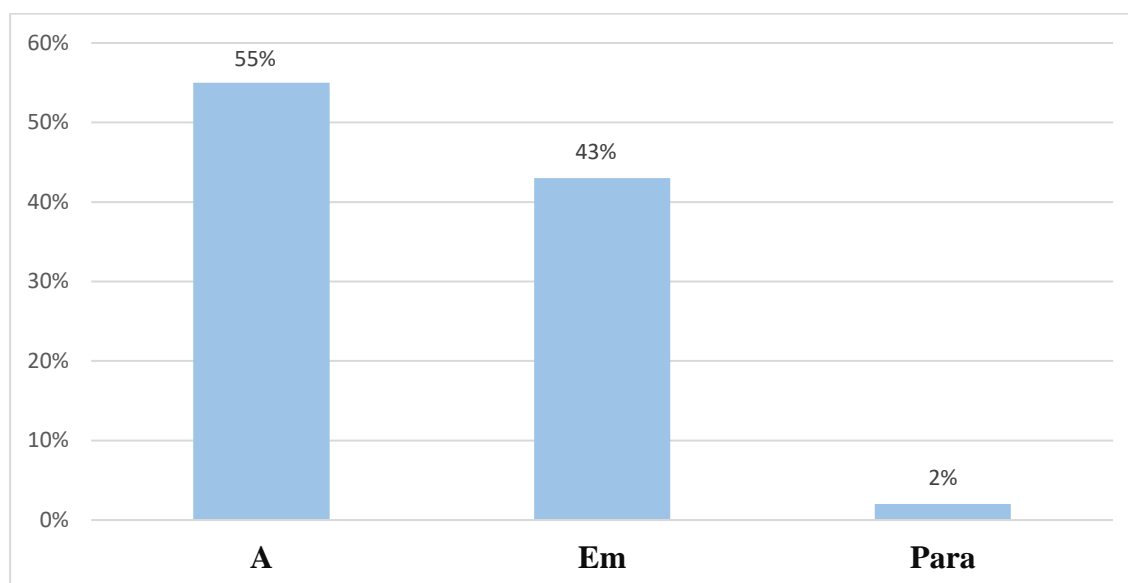
²⁸ Exemplos retirados do *corpus* do trabalho.

Tabela 7. Regência dos verbos de movimento por falantes da 6.^a classe com a idade entre os 40 e 55 anos.

Faixa etária	Escolaridade	Verbos	Preposição	Nº de ocorrências
40-55 anos	6. ^a Classe	IR	em	19
			a	25
			para	1
		VIR	em	4
			a	1
		SAIR	de	2
			em	8
			Ø	1
		CHEGAR	em	5
			a	1
		VIAJAR	em	2
			para	1
		DAR	em	2
		VOLTAR	em	1
		LEVAR	a	1
			em	4
ENTRAR	em	3		
<i>Total de frases</i>				81

O gráfico abaixo espelha o facto de estes falantes alternarem a regência dos verbos de movimento com as três preposições acima referidas. Porém, apesar desta alternância, na maioria das vezes, esses falantes utilizam mais a preposição *a* e as restantes em número mais reduzido.

Gráfico 2. Regência dos verbos de movimento nas construções de adultos com 6.^a classe.



Exemplos²⁹:

- No tempo de guerra, quem vai *à* lavra não volta com vida.
- A população não pode fazer longas viagens para vir *no* hospital.
- Com a receita, vais *na* farmácia comprar remédios.
- A última viagem fui *para* Lubango, gostei.
- Antes, chegava *na* lavra em quinze ou em vinte minutos.

Uma outra constatação em relação aos falantes adultos com a 6.^a classe, está relacionada com a regência do verbo *dar*. Tal como os grupos anteriores, estes falantes usam o verbo *dar* com a preposição *em*.

Exemplo:

- A obrigação do professor é de *dar* aulas *nas* crianças.
- Houve um tempo em que *deram* bicicletas *nas* pessoas.

Além disso, nas suas construções, o verbo *sair* rege a preposição *em*.

Exemplos:

- A nossa alimentação que sai *no* campo é mais eficaz.
- Saí *nas* matas por causa do sofrimento.

²⁹ Exemplos retirados do *corpus* do trabalho (transcritos das entrevistas).

E, em alguns momentos, com o verbo *sair* omite-se a preposição *de* que transmite a ideia de origem (*eu saí lá com a cabeça inflamada*).

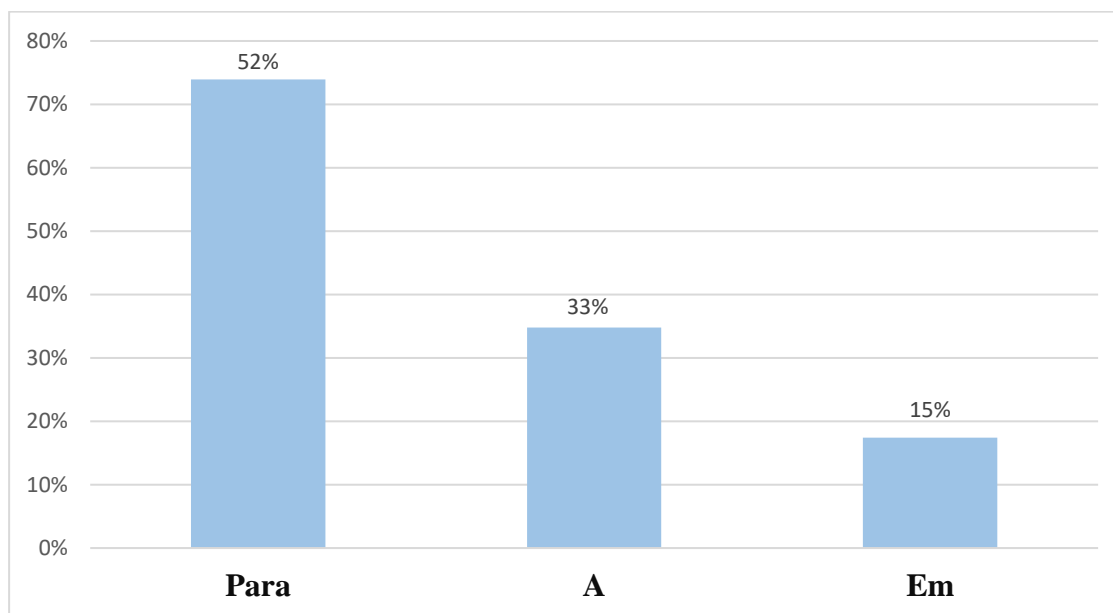
Por fim, nas construções dos informantes com alto nível de escolaridade (licenciados), notamos que os verbos de movimento como *ir*, *vir*, *chegar*, são regem de forma alternada, tal como sucede com os adultos da 3.^a e 6.^a classes, as preposições *em*, *a* e *para*. Esta constatação pode ser observada na tabela e no gráfico abaixo.

Tabela 8. Regência dos verbos de movimento por falantes licenciados com idade entre os 40 e 55 anos.

Faixa etária	Escolaridade	Verbos	Preposição	Nº de ocorrências
40-55 anos	Licenciados	IR	em	4
			a	8
			para	17
		VIR	em	4
			de	1
			a	1
		LEVAR	para	1
		CHEGAR	em	3
			a	2
		SAIR	de	4
<i>Total de frases</i>				45

O gráfico seguinte mostra a percentagem de uso das preposições *em*, *a* e *para* com os verbos de movimento por este grupo de informantes. Assim, percebe-se que, apesar do uso alternado, a preposição *para* foi a mais usada por este grupo, seguida pela preposição *a*, e em último lugar, pela preposição *em*.

Gráfico 3. Regência dos verbos de movimento nas construções dos licenciados.



Exemplos³⁰:

- a) Nos tempos livres, quando não vou à igreja, fico em casa.
- b) A menina que vai *para* a universidade utiliza táxi.
- c) Os filhos vão sempre a pé *na* escola.
- d) Andamos até que chegamos *na* sede da província.
- e) Em oitenta e nove, viemos *para* cá.

Verifica-se assim que os licenciados apresentam um padrão de uso das preposições bastante diferente do dos dois outros grupos de informantes da mesma faixa etária, com uma diminuição no uso das preposições *a* e *em*, e um significativo aumento do emprego da preposição *para*.

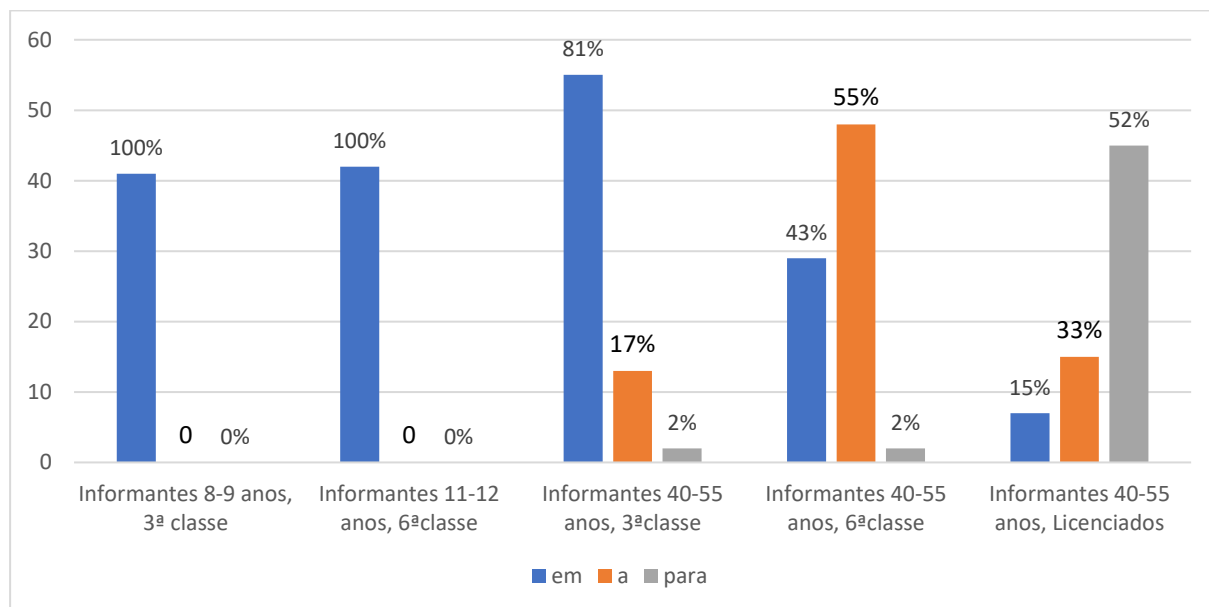
Na próxima secção discutimos os resultados globais.

³⁰ Tal como os exemplos anteriores constantes deste capítulo, estes também foram retirados do *corpus* do trabalho.

4.1. Discussão

O Gráfico 4 apresenta os resultados globais:

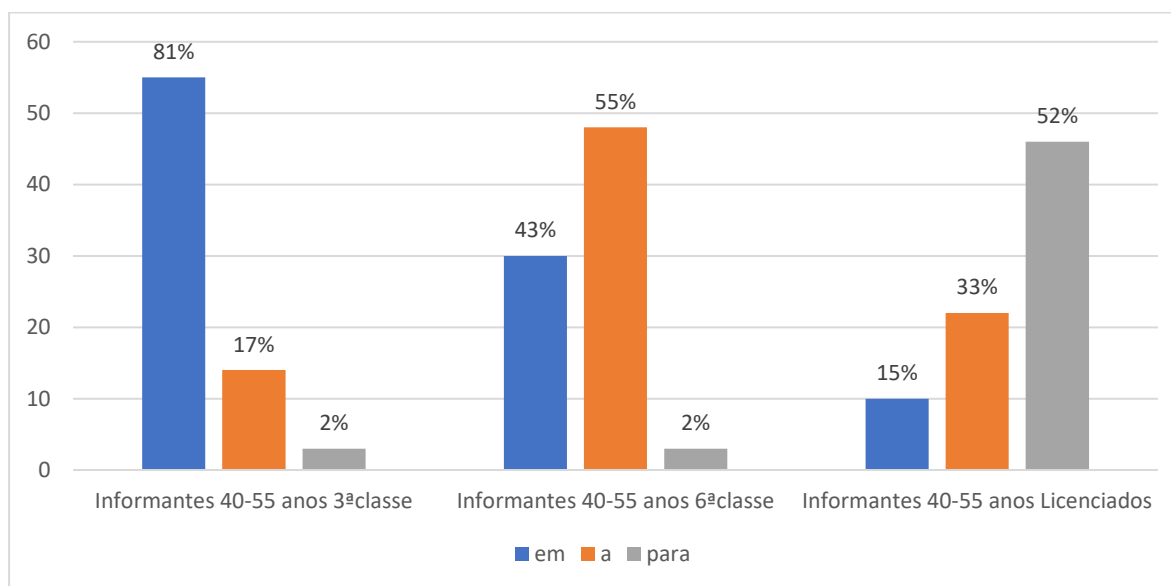
Gráfico 4. Percentagens de uso das preposições pelos diferentes grupos de informantes.



Como se pode observar, os falantes mais jovens usam somente a preposição *em*, ao passo que os informantes adultos alternam entre *em*, *a* e *para* (em diferentes graus). Centrando-nos apenas nos grupos que têm o mesmo grau de escolaridade (os grupos com a 3.ª e 6.ª classe), verificamos que há divergência entre o grupo das crianças e o grupo dos adultos em cada um dos níveis. Isto significa que a idade é um fator relevante na realização da preposição. Em particular, as crianças usam exclusivamente a preposição *em* enquanto os adultos com o mesmo grau de escolaridade fazem um uso alternado das três preposições.

Passemos agora à comparação entre os grupos que partilham a mesma idade, mas diferem no grau de escolaridade.

Gráfico 5. Percentagens de uso das preposições pelos três grupos de informantes com 40-55 anos.



O gráfico mostra-nos o efeito da escolaridade. Observa-se que os falantes menos escolarizados, adultos com 3.ª classe, usam em maior percentagem a preposição *em*. À medida que vai aumentando o nível de escolaridade decresce o uso da preposição *em* (81% nos adultos com a 3.ª classe; 43% nos adultos com a 6.ª classe e 15% na fala dos licenciados). Por outro lado, a preposição *para* ocorre de forma consistente apenas na fala dos licenciados. Os informantes da 6.ª classe diferem dos informantes da 3.ª classe pelo facto de evidenciarem um uso mais frequente da preposição *a* em comparação com a preposição *em*. Em resumo, podemos afirmar que, com a idade, nota-se alternância na regência dos verbos de movimento. Com a escolarização a preposição *em* vai sendo progressivamente substituída pelas outras duas preposições.

É notória a regência uniforme dos verbos *dar* e *entregar*, nas construções destes informantes, pois estes verbos de transferência de posse regem a preposição *em*, quando, no português europeu regem a preposição *a* que seleciona um argumento com a função sintática de objeto indireto e o papel temático de alvo. Nas construções dos informantes, o argumento Alvo é introduzido pela preposição *em*.

Uma conclusão importante do nosso estudo é que, nas construções dos informantes com idade igual ou inferior aos doze anos, os verbos de movimento regem somente a preposição *em*.

Esta constatação pode ser interpretada de duas formas. Pode ser interpretada como indicação de que estamos face a um processo de mudança em curso no português de Angola, com as novas gerações a adotarem uma gramática que usa exclusivamente a preposição 'em' com verbos de movimento, ou em alternativa, pode ser interpretada como sendo o efeito do grau de exposição ao português. Uma vez que as crianças têm menos tempo de contacto com o português do que os adultos, são mais permeáveis à influência da L1 umbundu. Como referimos na introdução deste estudo, na língua umbundu, L1 dos informantes, usa-se um único morfema [ku] (*em*) em combinação com verbos de movimento (seja com um valor pontual ou durativo) e para referenciar o locativo. Deste modo, o uso exclusivo da preposição *em* com verbos de movimento, por parte das crianças, encontra explicação no processo de transferência das propriedades da L1 em fases iniciais do processo de aquisição do português como L2.

V. Conclusões

Até agora, o português de Angola tem como norma-padrão o português europeu e, no âmbito da regência dos verbos de movimento, a norma do português europeu estabelece uma determinada regência, tendo em conta o verbo. Verbos como *ir*, *vir*, *chegar*, *sair*, *levar*, que transmitem a ideia de mudança de um lugar para o outro, regem as preposições *a*, *para* e *de* e os verbos que semanticamente transmitem a ideia de um movimento metafórico, como *dar* e *entregar*, regem a preposição *a*. Porém, como constatamos no *corpus* do trabalho, no português falado em Angola a regência dos verbos de movimento varia de forma alternada entre as preposições *em*, *a* e *para* nas construções dos falantes adultos, enquanto que os falantes de menor idade combinam os verbos de movimento e os de transferência de posse somente com a preposição *em*.

Assim, em relação à regência dos verbos de movimento, nas construções dos falantes mais jovens, a ideia de direção/destino ou direção/origem é expressa somente pela preposição *em*, diferentemente do português europeu, em que a ideia de direção/destino é traduzida pelas preposições *a* e *para* e a ideia de origem é traduzida pela preposição *de*.

A partir do *corpus* do trabalho, entendemos que os informantes mais jovens são consistentes no uso somente de uma preposição e os informantes adultos, apesar de terem diferentes níveis de escolaridade, tendem a reger os verbos de movimento de forma alternada. Em nosso entender, o facto de os falantes mais jovens usarem apenas uma preposição pode ser interpretado como sendo o efeito do grau de exposição ao português. Uma vez que as crianças têm menos tempo de contacto com o português do que os adultos evidenciam maior permeabilidade às propriedades da L1. Como vimos, a língua umbundu usa um único morfema para assinalar o argumento locativo e o argumento direcional dos verbos de movimento. O uso exclusivo da preposição *em*, nas crianças, reflete assim uma fase do processo de aquisição do português, sujeita a maturação posterior.

Percebemos que os adultos apesar de alternarem entre as preposições *em*, *a* e *para*, não evidenciam um comportamento homogéneo, sendo que a variação detetada depende do grau de escolarização. Da 3.^a para a 6.^a classe, diminui a frequência de uso da preposição *em* e aumenta o uso da preposição *a*. Com a escolarização mais avançada, aumenta o emprego da preposição *para*, com a consequente diminuição no uso das preposições *a* e *em*.

Estes dados revelam que, devido ao contacto do português europeu com as línguas bantu, o português de Angola vai assumindo características que o distinguem do português falado em Portugal. Assim, diante desta constatação, recomendamos às instituições de direito que estimulem o aprofundamento de estudos científicos que tenham em conta a produção oral dos falantes, de modo a que se assuma, de forma efetiva, a emergência de uma variedade correspondente ao português que se fala atualmente em Angola.

VI. Referencias bibliográficas

- Bagno, M. (2000). *Gramática da língua portuguesa: Tradição gramatical, mídia e exclusão social*. São Paulo: Edições Loyola.
- Barroso, H. (1999). *Forma e substância da expressão da língua portuguesa* (1ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Cançado, L. L. (2017). A propriedade semântica movimento na representação lexical dos verbos do Português brasileiro, pp. 425-449, *Alfa, São Paulo*.
- Cançado, R. C. (10 de Julho de 2006). Verbos de trajetória do PB: Uma descrição sintático-semântica (pp. 372-403). São Paulo: Alfa.
- Casanova, I. (2019). *Dicionário Terminológico* (1ª ed.). Lisboa: Platano Editora.
- Chicuna, A. M. (2014). *Portuguesismo nas Línguas Bantu Para Um Dicionário Português Kiyombe*. Lisboa: Edições Calibri.
- Costa, T. M. (2013). *Os empréstimos das línguas bantu no Português falado em Angola, um estudo lexicográfico da variante angolana* (1ª ed.). Luanda: Grafvico Lda.
- Cunha, c., & Cintra, l. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1ª ed.). Lisboa: João de Sá da Costa.
- Fernando, J., & Ntongo, Z. (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Luanda: Nzila.
- Faria, I. (2003). Contacto, variação e mudança linguística. in: M. Mateus, A. M. Brito, & I. Duarte. *Gramática da língua portuguesa*, 5ª ed (pp. 33-37). Lisboa: Editorial Caminho.
- Filho, D. G. (2013). *Padrão tipológico do Português: Um estudo dos vestígios de satélites na expressão do movimento e do trajeto. Dissertação de Mestrado*. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Filho, D. G. (11 de Maio de 2016). Verbos de movimento no português brasileiro: Uma classe reduzida ? in: *Encontro rede sul letras* (pp. 321-332) Universidade Federal de Santa Catarina.
- Flores, C. (2008). *A Competência Sintática de Falantes Bilingues Luso-Alemães Regressados a Portugal um Estudo Sobre Erosão Linguística*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho.
- Gonçalves, P. (2010). *A Génese do Português de Moçambique* (1ª ed.). Lisboa: Imprensa Nacional.

- Gonçalves, P. (2013). O Português em África. in: E. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português*, Vol 1 (pp. 157-178). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonçalves, A., & Raposo E. (2013). Verbos e sintagma verbal. in: E. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português*, Vol 2 (pp. 1155-1218). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Júnior, I. R. (2015). *Verbos de movimento e sua representação na estrutura léxico conceptual*. Tese de doutoramento. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Mateus, M. H. (1983). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- Mateus, M. H. (1989). *Gramática da língua portuguesa* (2ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho.
- Melo, S. e. (2018). *Políticas linguísticas em Português* (1ª ed.). Lisboa: Lidel edições.
- Miguel, M. H. (2014). *Dinâmica da pronominalização no Português de Luanda* (1ª ed.). Luanda: Mayamba editora.
- Mingas, A. (2000). *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Luanda*. Luanda: Chá de Caxinde.
- Mudiambo, Q. (2014). *Estudos Linguísticos sobre a Lexicologia e a Lexicografia de Aprendizagem (Aplicados) ao Ensino da Língua Portuguesa*. Lisboa: Calibri.
- Ngunga, A. (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Nacional.
- Raposo, E. (2013). Propriedades gerais da frase. in: E. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português*, Vol 1 (pp. 297-394). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Raposo, E., & Xavier, M. (2013). Preposição e sintagma preposicional. in: E. Raposo, M. F. Nascimento, M. A. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do Português*, Vol 2 (pp. 1497-1564). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reis, V. (2006). *Sociolinguística, Dinâmica funcional vs Problemas funcionais da Língua*. Luanda: Editorial Nzila.
- Souto, K. C. (2014). *Categorias funcionais e lexicais no licenciamento de verbos de trajetória: O caso do verbo ir*. Tese de doutoramento. Universidade de Brasília.
- Vilela, M. (1992). *Gramática de valências: Teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina.
- Wachowicz, V. R. (18 de 01 de 2014). Análise da expressão do deslocamento no Português brasileiro(PB) dentro da nano-sintaxe: Resposta para a variação. *Varedas: Sintaxe das línguas brasileiras* (pp. 186- 201).
- Zau, F. (2012). *Do acto educativo ao exercício da cidadania* (1ª ed.). Angola: Edição Mayamba.

VII. Anexos

Mapa de Angola (Fonte: INE) Pode encontrar-se em ine-ao.com



Principais grupos de línguas e povos angolanos de origem africana e respetivas áreas.

(Fonte: INE (2016)).

Origem	Povo	Língua		Províncias
Bantu	Ambundu	Kimbundu	(H20)	Bengo, Luanda, Cuanza Norte, Cuanza Sul, Malanje
	Bakongo	Kikongo	(H10)	Zaire, e Uíge (também no Bengo, Malanje, Cabinda, Cuanza Norte)
	Ovahelero	Oshihelelo	(R30)	Namibe (também em Benguela, Cunene, Huíla)
	Ovanyaneka-Nkumbi	Olunyaneka	(R13)	Huíla (também no Namibe, Cunene e Benguela)
	Ovambo	Ovakwanyama	(R20)	Cunene (também no kwando-kubango)
	Ovandonganga	Oshindonga	(R30)	Quando-Cubango
	Ovimbundu	Umbundu	(R10)	Bié, Huambo, Benguela e Namibe (também no Cuanza Sul, Huíla)
	Tucokwe	Cokwe	(K10)	Lunda Norte, Lunda Sul, Moxico e Bié
	Vangagela	Ngangela	(K12)	kwando-kubango (também no Moxico)
Khoisan	Khoisan	Khoi	-	Huíla e Namibe
	Vátua	Vátua	-	

Regência dos verbos de movimento por falante.

Entrevistado	Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Verbo	Preposição usada	Total de frases
H1A1	M	8-9 anos	3ª classe	IR	em	7
				VIR	em	2
				SAIR	de	1
				DAR	em	1
						11
H2A1	M	8-9 anos	3ª classe	IR	em	15
				CHEGAR	em	1
				ENTRAR	em	1
						17
M1A1	F	8-9 anos	3ª classe	IR	em	4
				LEVAR	em	1
						5
M2A1	F	8-9 anos	3ª classe	IR	em	7
				LEVAR	em	1
				VIR	em	1
				SAIR	∅	1
						10
H1A2	M	40-55 anos	3ª classe	IR	em	20
				IR	a	4
				LEVAR	em	3
				SAIR	de	2
				SAIR	em	1
				VOLTAR	a	1
				DAR	em	1
						32
				IR	em	7

H2A2	M	40-55 anos	3ª classe	IR	a	1
				SAIR	de	2
				CHEGAR	em	1
				ENTREGAR	em	1
						12
M1A2	F	40-55 anos	3ª classe	IR	em	10
				LEVAR	em	1
				SAIR	em	1
				SAIR	∅	1
				CHEGAR	em	1
				CHEGAR	a	1
				DAR	em	1
						16
M2A2	F	40-55 anos	3ª classe	IR	em	3
				IR	a	3
				IR	para	1
				CHEGAR	em	3
				CHEGAR	a	1
				VIR	em	1
				SAIR	de	8
				SAIR	em	2
				LEVAR	para	2
				LEVAR	a	1
						25
H1B1	M	11-12 anos	6ª classe	IR	em	8
						8
H2B1	M	11-12 anos	6ª classe	IR	em	10
				SAIR	de	1
				SAIR	∅	1

						12
M1B1	F	11-12 anos	6ª classe	IR	em	7
				SAIR	em	1
				SAIR	∅	1
				ENTRAR	em	1
						10
M2B1	F	11-12 anos	6ª classe	IR	em	9
				VIR	em	1
				CHEGAR	em	2
				VIAJAR	em	2
				ENTRAR	em	1
						15
H1B2	M	40-55 anos	6ª classe	IR	a	5
				IR	em	2
				SAIR	de	1
				SAIR	em	1
				LEVAR	a	1
				CHEGAR	em	1
				VIAJAR	Em	2
				VIAJAR	para	1
				VIR	em	1
				ENTRAR	em	2
						17
H2B2	M	40-55 anos	6ª classe	IR	em	3
				IR	a	3
				SAIR	de	1
				SAIR	em	1
				VOLTAR	em	1

				VIR	a	1
				DAR	em	1
						11
M1B2	F	40-55 anos	6ª classe	IR	em	2
				IR	a	6
				IR	para	1
				CHEGAR	em	2
				CHEGAR	a	1
				ENTRAR	em	1
				SAIR	Ø	1
						14
M2B2	F	40-55 anos	6ª classe	IR	em	12
				IR	a	10
				SAIR	em	6
				LEVAR	em	4
				CHEGAR	em	2
				VIR	em	3
				DAR	em	1
						38
H1C1	M	40-55 anos	Licenciado	IR	em	3
				IR	a	7
				IR	para	3
				CHEGAR	a	1
				CHEGAR	Em	1
				VIR	em	1
				SAIR	de	1

						17
M2C1	F	40-55 anos	Licenciada	IR	em	1
				IR	a	1
				IR	para	14
				CHEGAR	a	1
				CHEGAR	em	2
				SAIR	de	3
				VIR	em	3
				VIR	de	1
				VIR	a	1
				LEVAR	para	1
						28
Total de frases produzidas pelos entrevistados						298

Construções com verbos de movimento por falante nas entrevistas transcritas.

Entrevistado	Frases	Verbos de Movimento		Papel Semântico
		VM	Preposição	
H1A1	A mamã costuma cartar água e ir na lavra.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A1	A mamã só vai no trabalho.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A1	vamos nas famílias também.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A1	Ir passear também no jardim da cultura.	ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A1	Para tomar o lanche vou na praça.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A1	Em Luanda nunca fui lá.	ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A1	Vou almoçar lá em casa.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A1	Ao acordar, fazer o matabicho e depois vir na escola.	Vir	em	Dir [+ Durativo]
H1A1	Se tem, trago, mas se não tem, venho só aqui na escola.	Vir	em	Dir [+ Pontual]
H1A1	Talvez quando o pai sai do trabalho me traz frutas.	Sair	de	Origem
H1A1	Só estava mesmo na Bunda.			
H1A1	A nossa casa está em cima, deles está em baixo.			
H1A1	A higiene está no livro de Estudo do Meio.			
H1A1	As outras casas estão em baixo.			
H1A1	Quero ser professor para dar aulas nos alunos.	Dar	em	Alvo
H2A1	Eles, às vezes, vão nas lavras.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A1	Às vezes, vão no trabalho.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A1	Eles vão nas lavras trabalhar.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A1	Às vezes, vão nas lavras.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A1	Às vezes, também vão no trabalho.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A1	Quando eles me procuram, vamos ir no parque brincar.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A1	No outro dia, estávamos a ir aí no pelado.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2A1	O Luís, o Cajó e o meu amigo que foi no Huambo, gostaram...	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2A1	Eles estavam a ir nas lavras depois ele roubou e fugiu.	Ir	em	Dir [+ Pontual]

H2A1	Depois lhe falaram que vou ir te queixar na polícia e fugiu.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2A1	O meu pai foi no Huambo trabalhar.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A1	Só viajamos quando fomos no Huambo.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A1	Fomos no Huambo e depois a minha mãe viu um rio.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2A1	Quando a professora falta, é brincar e depois é ir em casa.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A1	O trabalho que faço é ir na praça comprar conduto.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2A1	Como chegam lá em casa os meus amigos?	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
H2A1	Quando a professora vem, todos os alunos entram na sala.	Entrar	em	Dir [+ Durativo]
H2A1	A mana estava na casa dela e viu a chuva a cair.			
M1A1	O avô me leva na lavra.	levar	em	Dir [+ Pontual]
M1A1	Gostaria de ir em Luanda morar.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1A1	Nas próximas férias, vou em Luanda passear.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
M1A1	Quando ele viu que a mota não está, foi no soba.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1A1	Pisei tala e ia no hospital.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1A1	A chave costuma a ficar mesmo na mota.			
M1A1	O dono da mota estava na sentada.			
M1A1	Estávamos na sentada e o gatuno veio tirar a manivela.			
M1A1	A polícia encontrou a mota nos gatunos.			
M2A1	Depois de se preparar vou ir na escola.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2A1	Matabicho e vou na escola.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2A1	O papá, de manhã, acorda e vai no trabalho dele.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
M2A1	Outros vão no Benfica e as outras vão na Santa.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2A1	Se tens dinheiro vais ir na cantina lanchar.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2A1	Tem que passar aí, vai subir até na casa onde você vai.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2A1	Para chegar lá, tem que se ir com o carro.	Ir	com	Dir [+ Pontual]
M2A1	Depois vão te levar na Alemanha.	Levar	em	Dir [+ Pontual]
M2A1	A minha professora vem na sala, saúde e nos levantámos.	Vir	em	Dir [+ Pontual]

M2A1	Depois saímos lá, viemos aqui.	Sair	0	Origem
M2A1	Ficámos na sala a espera da professora.			
H1A2	O importante é sair de manhã cedo e ir na tua lavra trabalhar.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Quando chegaste, fomos na casa do soba.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H1A2	Os governantes passam nesta estrada e vão no gove.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Toda mulher que vai à igreja não discute dentro de casa.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1A2	Por vezes, nas brincadeiras, vamos na Calima.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H1A2	A criança tem que receber o peso e levar na casa do mais velho	Levar	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Vejo isso quando vou na cidade São Pedro	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H1A2	As crianças não aceitam a ir na lavra por causa da novela.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Quando há confusão, há quem vai no lixo procurar garrafa...	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H1A2	A irmã da mãe nos chamou e já não fomos no Sambo.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Nas férias, os meus filhos vão nas lavras passear.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H1A2	Discutindo, quem estiver errada, vai na outra pedir desculpas.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Não é possível ir na polícia fazer queixa.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Só é possível ir no soba fazer queixa.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Por vezes, o gatuno roubou e foi direto à cidade.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1A2	Não gostei de Luanda, preferi voltar ao Huambo.	Voltar	a	Dir [+ Pontual]
H1A2	Por vezes, vou à Alemanha, mas vou bem e volto bem.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1A2	Mesmo com a idade que tenho, ainda vou na caça e volto.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Todos os fins de semana são para ir na caça.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H1A2	Aos sábados, alguns vão à pesca uns vão à caça.	Ir	a	Dir [+ Durativo]
H1A2	Muitas vezes, vai-se a pé até na ponte do Culimala.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H1A2	Mais vale chegar na tua casa e bater funje com lombi.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Para pescar, deves tirar o anzol e ir no rio.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Para tratar o cartão eleitoral, é preciso ir na comuna.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Casaram ontem, mas hoje cada um já foi na mãe.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Se desaparecer uma galinha, culpam quem não ia na lavra.	Ir	em	Dir [+ Pontual]

H1A2	Se um mais velho levar uma coisa na cabeça, ...	Levar	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	Se quiser levar a mulher na tua mãe, tens que ter dinheiro.	Levar	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	A água de consumo sai dos rios.	Sair	de	Origem
H1A2	O táxi que sai da Alemanha até à nova centralidade é cem	Sair	de	Origem
H1A2	O filho quando sai na rua, ignora o conselho do pai.	Sair	em	Origem
H1A2	Nós jogamos no campo que vai no hotel Roma.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1A2	O Jobe pega a bola e dá no Tiago.	Dar	em	Alvo
H1A2	Os meus cinco irmãos estão em Luanda.			
H1A2	O meu pai não gostava de quem ficava no bairro sem trabalhar.			
H1A2	Eu não gosto de ficar na cidade, gosto de ficar no kimbo.			
H2A2	Os filhos, de manhã, vão nas aulas.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A2	Nas férias, os filhos vão no Golombe visitar a tia.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A2	Fui na prima e encontrei o primo Jeorge já construiu o prédio.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2A2	Na altura em que fui no Wizé fiquei muito feliz.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A2	O acidente aconteceu quando fomos no Andulo.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2A2	Como a casa é de aluguer, é melhor ir nos natos do bairro.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2A2	A criança para ir nas aulas é preciso alguma insistência.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2A2	Para ir daqui até à Cachila é preciso estar preparado.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H2A2	Quando os meus amigos chegam em casa, conversamos muito.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
H2A2	Eu saí das lavras quando o meu filho nasceu.	Sair	de	Origem
H2A2	Sair daqui para Kalima, há uma grande distância.	Sair	de	Origem
H2A2	Naquele momento você escreve uma carta e entrega na rádio.	Entregar	em	Alvo
H2A2	No passado, estávamos numa situação complicada aqui...			
H2A2	Eu prefiro ficar no bairro de forma permanente.			
M1A2	Por vezes, o marido vai na outra mulher e comete com ela.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1A2	... siga o caminho que vai no Bié.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1A2	Para veres arroz, tens que ir no Huambo.	Ir	em	Dir [+ Pontual]

M1A2	Se o óleo acabar, tens que ir no Huambo.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1A2	Para teres sal, tens que ir no Huambo.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1A2	Se quiseres massa alimentar, tens que ir no Huambo.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1A2	Aqui para ter óleo, tens que ir no Huambo.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1A2	Se tivesse que escolher um sítio, eu gostaria de ir no Huambo.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1A2	Dou quissangua nas visitas e vão nas casas delas.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1A2	No tempo de guerra saímos no Quarenta e fomos na Luanda.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
M1A2	Se alguém ficar doente, é levado até no hospital.	Levar	em	Dir [+ Pontual]
M1A2	Dou kissangua nas visitas e vão nas casas delas.	Dar	em	Alvo
M1A2	Para chegar ao Sambo, sai daqui até na praça nova.	Chegar	a	Dir [+ Pontual]
M1A2	Para chegar ao Sambo, sai daqui até na praça nova.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
M1A2	No tempo de guerra saímos no Quarenta e fomos na Luanda.	Sair	em	Origem
M1A2	As minhas visitas são a minha família que sai longe	Sair	0	Origem
M1A2	Se estudasse, estaria no gabinete a trabalhar.			
M1A2	Ficar no lado de um desconhecido é melhor...			
M2A2	... quero que o meu filho vem na igreja.	Vir	em	Dir [+ Pontual]
M2A2	Fiz tudo até que cheguei no local do encontro.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
M2A2	Para chegar à cidade, vou de carro ou de motorizada.	Chegar	a	Dir [+ Pontual]
M2A2	Às vezes a pessoa chega em casa e acontece muita coisa.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
M2A2	Às vezes a pessoa chega no consenso de conseguir um saco.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
M2A2	Depois da destruição das casas, fomos trazer o caso à comuna.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2A2	Para a compra de alimentos, vou para a cidade	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2A2	As crianças vão para a escola e nós, os papás, vamos no campo.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2A2	Os alunos vão em casa fazer a tarefa.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2A2	As crianças vão para a escola e nós, os papás, vamos no campo.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2A2	A pessoa quando sai do seu trabalho, vai na outra.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2A2	Ele ficou a espera para ir ao hospital.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2A2	Quando há um doente, saímos daqui para a comuna...	Sair	de	Origem

M2A2	Sai daqui até à Luanda e cheguei lá a noite.	Sair	em	Origem
M2A2	Para sair da cidade do Huambo é precisar fazer estradas.	Sair	de	Origem
M2A2	Se eu sair de uma aldeia para a outra não terei alimentos.	Sair	de	Origem
M2A2	A pessoa quando sai do seu trabalho, vai na outra.	Sair	de	Origem
M2A2	Quando o pai saio da unidade, já encontrou o bebé.	Sair	de	Origem
M2A2	Quando estávamos em guerra, saímos da Kalima.	Sair	de	Origem
M2A2	O caminho de Andulo que sai da cidade não está boa.	Sair	de	Origem
M2A2	Sai do Lobito de comboio.	Sair	de	Origem
M2A2	As pessoas que saíram na guerra, não tinham identificação.	Sair	em	Origem
M2A2	Em caso de doença, leva-se o doente até à comuna da Kalima.	Levar	a	Dir [+ Pontual]
M2A2	É preciso levar a criança para a igreja.	Levar	para	Dir [+ Pontual]
M2A2	A menina foi levada para o hospital e sobreviveu.	Levar	para	Dir [+ Pontual]
M2A2	Quando aconteceram as cheias, estava na Lobanda.			
M2A2	Quando estávamos em guerra, saímos da Kalima.			
H1B1	Ando a ir nas lavras, gosto de fazer bué de coisas.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1B1	Gosto de ir na escola, lavar a loiça, cartar água e ir nas lavras.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1B1	A mamã, essa hora, já foi na lavra trabalhar.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1B1	A vizinha estava a ir nas lavras e o dinheiro roubaram.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1B1	Começou a chorar, depois foi no kimbandeiro.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1B1	Quando não tenho aula, vou na lavra.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H1B1	O trabalho da mamã é ir nas lavras e lavar a loiça.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1B1	O papá vai no trabalho.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2B1	Na cidade, vou na minha família.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2B1	Quando não temos aulas, vou em casa fazer trabalho.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2B1	... gostaria de ir no Cavoungue, no Gonlonda.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2B1	Quando as crianças ficam doentes, vão no hospital.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2B1	Para ajudar os meus pais, eu vou nas nakas trabalhar.	Ir	em	Dir [+ Pontual]

H2B1	O meu pai vai na cidade fazer kupapata.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2B1	A mamã vai nas lavras.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2B1	Quando for grande, continuarei a ir nas nakas.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2B1	Quando saímos férias, vou na cidade.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2B1	Quando saímos da escola, vamos na minha casa fazer trabalho.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
H2B1	Quando saímos férias, vou na cidade.	Sair	0	Origem
H2B1	Quando saímos da escola, vamos na minha casa fazer trabalho.	Sair	de	Origem
M1B1	O pai só vai na cidade com a mota.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1B1	Assim hoje os meus pais foram na lavra.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1B1	Quando é sábado, venham me buscar e vamos na igreja.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
M1B1	Andamos a passear, ir na igreja e brincar mesmo.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1B1	O meu mano só gosta de ir em Luanda.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1B1	Vou em casa ler o que deu a semana passada.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1B1	Se preparo e depois vou ir na escola.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1B1	Trabalham nas nakas quando saem na escola.	Sair	em	Origem
M1B1	As coisas que entraram na tua mente saem lá.	Sair	0	Origem
M1B1	Depois você que entrou no meio mete lá areia.	Entrar	em	Dir [+ Pontual]
M1B1	Gosto de cantar, estou no grupo da igreja.			
M1B1	Primeiro mete bolinhas no frasco, depois o frasco fica no meio.			
M2B1	Se não foste na escola, a mamã bate.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	O papá se foi na lavra, traz mexa e cana.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	A mamã e o papá saem para ir no Huambo.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	A minha avó nos recebe bem e vamos na praça.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	Os rapazes acarretam água e vão nas nakas.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	Nunca vi as pessoas que vão na caça.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	Gostaria de ir no Huambo porque gosto de lá.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	Se o meu irmão faltar, vou no padre falar que ele é preguiçoso.	Ir	em	Dir [+ Pontual]

M2B1	O meu irmão não gosta de ir na igreja.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	Primeiro banho, depois venho na escola a bute.	Vir	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	Nas próximas férias quero viajar no Huambo.	Viajar	em	Dir [+ Durativo]
M2B1	Já viajei em Luanda, a viagem foi boa.	Viajar	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	Como fazer para chegar no rio?	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	Depois de chegar na praça, passa onde vendem carvão.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	Ela estava a tomar banho, escorregou e queria entrar no rio	Entrar	em	Dir [+ Pontual]
M2B1	Fiquei um ano em Luanda.			
M2B1	Em Luanda, estive hospedada em casa do mano do pai.			
H1B2	Então, saímos daqui até na R71.	Sair	de	Origem
H1B2	A nossa alimentação que saiu no campo é mais eficaz.	Sair	em	Origem
H1B2	A outra tem ido a Benguela.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1B2	Não fomos à polícia fazer queixa.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1B2	Posso ir na rua principal.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1B2	Fomos na área de Lubango.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1B2	O meu filho não foi à catequese.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1B2	Nos tempos livres fui à lavra.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1B2	Depois é que vão à caça.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1B2	Levar a certidão à identificação no Huambo.	Levar	a	Dir [+ Pontual]
H1B2	Eu viajei em Benguela por duas vezes.	Viajar	em	Dir [+ Durativo]
H1B2	Viajei para o Bié duas vezes	Viajar	para	Dir [+ Durativo]
H1B2	Viajei no Lubango três vezes.	Viajar	em	Dir [+ Durativo]
H1B2	Algumas meninas têm chegado no centro, apanham recaída.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
H1B2	A população não pode fazer longas viagens para vir no hospital.	Vir	em	Dir [+ Pontual]
H1B2	Levar uma cópia do bilhete para entrar na viagem.	Entrar	em	Dir [+ Pontual]
H1B2	Depois daqui, entramos na tropa.	Entrar	em	Dir [+ Pontual]
H1B2	Atualmente, estou na religião onde nasci.			
H1B2	Posso ficar em casa descansando.			

H2B2	Segundo à lei, só vai no emprego jovem a partir de trinta anos.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2B2	Um indivíduo vai na consulta e lhe é dado a receita.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2B2	Com a receita, vais na farmácia comprar os remédios.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H2B2	Quando não vou à lavra, faço outra coisa em casa.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H2B2	Os meus filhos vão à escola estudar.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H2B2	Uma vez, fomos ao Huambo e escapamos fazer acidente.	Ir	a	Dir [+ Durativo]
H2B2	Tenho sonho de voltar um dia na minha terra.	Voltar	em	Dir [+ Pontual]
H2B2	Se o professor não vier à escola, os outros professores dão aulas.	Vir	a	Dir [+ Pontual]
H2B2	Sáimos de Benguela para o Huambo.	Sair	de	Origem
H2B2	Sai na guerra com quarenta e cinco anos.	Sair	em	Origem
H2B2	A obrigação do professor é de dar aulas nas crianças.	Dar	em	Alvo
H2B2	Gosto de ficar na Tchicala porque é onde me reencontrei.			
H2B2	Conheci a minha esposa quando estávamos em Kaluquembe.			
H2B2	O professor tem a obrigação de estar na escola e dar aulas.			
M1B2	Eu não gosto de ir às lavras.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M1B2	No meu tempo era só ir à identificação tratar o bilhete.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M1B2	Nunca tive nenhum filho com preguiça de ir à catequese.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M1B2	Eu iria ao encontro do pároco explicar a condição do filho.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M1B2	Para a barragem do Kuando é só ir à estrada.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M1B2	Desta vez é que fui mesmo até à praia.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M1B2	Mais tarde fui no Kuando Kubango.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1B2	A última viagem que fui para Luanda, gostei.	Ir	Para	Dir [+ Pontual]
M1B2	Às vezes vou nos meus vizinhos conversar um bocadinho.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M1B2	Chegamos no troço Konda e Kaluquembe.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
M1B2	Chego em casa, repouso.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
M1B2	Apanha uma mota e chega à barragem do Kuando.	Chegar	a	Dir [+ Pontual]
M1B2	Estávamos para entrar no rio.	Entrar	em	[+ Pontual]

M1B2	Eu saí lá com a cabeça inflamada.	Sair	0	Origem
M1B2	Quando Angola estava em guerra, estávamos no município.			
M1B2	Nos tempos livres, fico no meu quintal.			
M1B2	Nós que estávamos no carro é que sofremos.			
M2B2	Depois de acabar a tropa, fomos na Imbala Muma.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
M2B2	Quando a guerra acabou, disseram vão na vossa terra.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
M2B2	Nas férias, uns se dirigem para ir no pai.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
M2B2	Tenho um neto que sempre me segue ao ir na lavra.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	A pessoa sai 18 horas para ir no Katchiungo.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	Quando vão na igreja é preciso ficar de bem com as outras.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
M2B2	Toda hora vai na igreja, mas não saúda.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	Quem vai no Katchiungo não volta mais.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	As estradas que vão nas aldeias estragaram muito.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	Se tivesse oportunidade iria no Lubango, lá tem muitas coisas.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	Por vezes, vou ao Lubango, noutras, vou no Kuando Kubango.	Ir	em	Dir [+ Durativo]
M2B2	Os meus avós nunca foram na terra deles.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	No tempo de guerra ninguém vai à lavra distante.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2B2	Os meus filhos vão à escola a pé.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2B2	Por vezes, vou ao Lubango, noutras, vou no Kuando Kubango.	Ir	a	Dir [+ Durativo]
M2B2	Quando vou à lavra arranjo muitos trabalhadores.	Ir	a	Dir [+ Durativo]
M2B2	O táxi vai até à praça da Alemanha.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2B2	A pessoa que vai à igreja tem de ser uma boa pessoa.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2B2	Em Benguela, só fui ao óbito.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2B2	Gosto do meu trabalho, eu é quem sei se vou à lavra ou se não.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2B2	Eu é quem sei se vou ao rio lavar.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2B2	No tempo de guerra, quem vai à lavra não volta com vida.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2B2	Cheguei na minha mãe e ela também saio nas matas.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	Antes chegava na lavra em quinze ou em vinte minutos.	Chegar	em	Dir [+ Durativo]

M2B2	Não levei o assuno na polícia.	Levar	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	O meu filho foi levado nas matas com 18 anos.	Levar	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	O outro meus filhos também lhe levaram nas matas...	Levar	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	As pessoas não lhe levaram no hospital e o doente morreu.	Levar	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	Cheguei na minha mãe e ela também saio nas matas.	Sair	em	Origem
M2B2	Eu saí na mata e encontrei pessoas inflamadas.	Sair	em	Origem
M2B2	Sai nas matas com os meus filhos.	Sair	em	Origem
M2B2	O dia que sai nas matas, cheguei com quatro filhos.	Sair	em	Origem
M2B2	No Bié, quem fala Umbundu saio no Huambo.	Sair	em	Origem
M2B2	Sai nas matas por causa do sofrimento.	Sair	em	Origem
M2B2	Houve um tempo em que deram bicicletas nas pessoas.	Dar	em	Alvo
M2B2	As visitas que vêm em casa não são os da minha idade.	Vir	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	As crianças que vêm na igreja, têm uma educação diferente.	Vir	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	As crianças que não conseguem vir na igreja, não escutam...	Vir	em	Dir [+ Pontual]
M2B2	Quando me casei, em 66, ficámos no Huambo.			
M2B2	Ninguém de nós está numa outra igreja, somos católicos.			
M2B2	Já estive em Benguela e Bié.			
M2B2	Quando Angola esteve em guerra, estive nas matas.			
M2B2	O que mais gosto do tempo de paz é que estou na minha casa.			
M2B2	Estou na minha lavra, trabalho, eu é que sei a que horas largar			
H1C1	Os filhos vão sempre a pé na escola.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1C1	O meu irmão foi lá na tropa.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1C1	Uma vez também fui para o Huambo.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
H1C1	Fomos a um óbito lá no Huambo.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1C1	Os rapazes têm ido ajudar na horta.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
H1C1	Elas podem ir à horta.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1C1	Preparar-se depois mais tarde irem para o casamento.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
H1C1	No tempo de férias dá para ir ao campo.	Ir	para	Dir [+ Durativo]

H1C1	O indivíduo sem dinheiro não consegue ir ao trabalho.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1C1	Somos perseguidos para ir à tropa.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1C1	Vamos ao trabalho, voltamos, descansamos.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1C1	Nos tempos livres, quando não vou à igreja, fico em casa.	Ir	a	Dir [+ Durativo]
H1C1	Faço isso ou vou ao campo.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
H1C1	No tempo da guerra, saímos da província.	Sair	de	Origem
H1C1	Alguns bens não chegam à população.	Chegar	a	Dir [+ Pontual]
H1C1	Andamos até que chegamos na sede da província.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
H1C1	Então, viemos em Luanda.	Vir	em	Dir [+ Pontual]
H1C1	As meninas ficam em casa.			
H1C1	Estávamos em perigo porque todos eramos procurados.			
H1C1	Nos dias livres, se não ficar em casa, vou ao campo.			
M2C1	A menina que vai para a universidade utiliza táxi.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	A pessoa vai para lá dar um bom dia.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	Elas preferem ir para lá porque é o melhor sítio.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	Fui para o ISCED e cá estou.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	Subiu uma moça que ia para o Macarengo.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	Eu ia para o ISCED.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	Um grupo de senhoras ia para a padaria comprar pão.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	Do Sambizanga fomos para o Huambo.	Ir	para	Dir [+ Durativo]
M2C1	Conseguimos ir para a escola.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	Temos dois autocarros que vão para o Kilamba	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	Apanhava os caminhões que iam para o Rock.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	Depois nós íamos para a escola.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	Temos dois autocarros que vão para o Sequele.	Ir	para	Dir [+ Pontual]
M2C1	Fomos até à casa da minha tia.	Ir	a	Dir [+ Pontual]
M2C1	Acrescentar a água que vai no bundi.	Ir	em	Dir [+ Pontual]
M2C1	Fomos para o Huambo.	Ir	para	Dir [+ Durativo]

M2C1	Às vezes acaba por chegar ao serviço não na hora desejada.	Chegar	a	Dir [+ Pontual]
M2C1	Eramos as primeiras de Viana a chegar no ISCED.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
M2C1	Quando cheguei no ISCED, comecei a chorar.	Chegar	em	Dir [+ Pontual]
M2C1	Já saímos do Grafanil até ao ISCED a pé.	Sair	de	Origem
M2C1	Saímos do Bié para o Huambo.	Sair	de	Origem
M2C1	Saímos dali a correr até à estrada.	Sair	de	Origem
M2C1	Os caminhões levavam as candongueiras para o Rock.	Levar	para	[+ Pontual]
M2C1	Em oitenta e nove, viemos para cá.	Vir	em	[+ Durativo]
M2C1	Depois viemos para cá.	Vir	em	[+ Durativo]
M2C1	Depois viemos para Luanda.	Vir	em	[+ Durativo]
M2C1	Lá encontras as senhoras que vêm das lavras.	Vir	de	Origem
M2C1	Quando se venha ao mundo, é sempre uma felicidade.	Vir	a	[+ Pontual]
M2C1	Primeiro estávamos no Gráfanil.			
M2C1	Noto isso no meu sobrinho que está no Bié.			
M2C1	Ficámos no Sambizanga.			
M2C1	Ficámos no Bailundo muitos anos.			
M2C1	Ficámos quase dois meses em casa da minha tia.			